



LEONEL VALDENIR MORAES

**A INDUSTRIALIZAÇÃO DE CANOAS NAS DÉCADAS 1940-1970:
Memórias de Trabalhadores**

CANOAS, 2022

LEONEL VALDENIR MORAES

**A INDUSTRIALIZAÇÃO DE CANOAS NAS DÉCADAS 1940-1970:
Memórias de Trabalhadores**

Dissertação e Produto técnico apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle – Unilasalle, como requisito para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

Coorientação: Profa. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M827i Moraes, Leonel Valdenir.
A industrialização de Canoas nas décadas 1940-1970 [manuscrito]:
memórias de trabalhadores / Leonel Valdenir Moraes. – 2022.
114 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2022.

“Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. História. 2. Memória social. 3. Trabalhadores. 4. Canoas. 5.
Industrialização. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

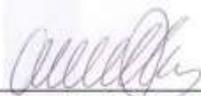
CDU: 338.45(816.5 CANOAS) (091)

Bibliotecário responsável: Michele Padilha Dall Agnol de Oliveira - CRB 10/2350

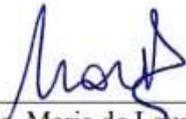
LEONEL VALDENIR MORAES

Dissertação e Produto técnico aprovado como requisito parcial para obtenção do título de mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



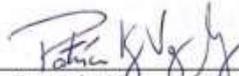
Profa. Dra. Ana María Sosa González
Universidade Federal de Pelotas



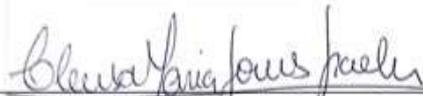
Profa. Dra. Maria de Lourdes Borges
Universidade La Salle



Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle



Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Coorientadora - Universidade La Salle



Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora e Presidente da Banca – Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Mestrado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 04 de outubro de 2022.

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores e trabalhadoras que migraram para Canoas, vindos de outras cidades ou de áreas rurais e que aqui enfrentaram dificuldades, tanto nas fábricas como nos locais de moradia com poucas condições, mas prosperaram, constituíram famílias e com seu trabalho ajudaram a construir esta cidade que se constituiu na terceira economia do Estado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha esposa Delair e a minha filha Natália por todo o apoio e incentivo para voltar a estudar após minha aposentadoria. Agradeço também aos professores e professoras deste PPG, pela sua dedicação e solicitude, muitas vezes tendo que se reinventar no momento de pandemia por que passamos, a minha co-orientadora professora Doutora Patrícia Kayser Vargas Mangan e em especial a minha orientadora, a professora Doutora Cleusa Maria Gomes Graebin por todo o apoio, compreensão, dedicação e paciência nas horas difíceis.

“As histórias de vida se fundem com as histórias de trabalho” (SILVA apud ORNELLAS; MONTEIRO, 2006, p. 552).

RESUMO

Esta pesquisa insere-se no campo de estudos em memória social, na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais, tendo como tema o processo de industrialização de Canoas entre as décadas de 1940 e 1970. Nesse período, o município, emancipado em 1939, teve acelerado processo de industrialização e forte presença de migrantes que, vindos para Canoas, passaram a habitar loteamentos que deram origem aos diversos bairros da cidade. Como problema norteador tem-se: Quais memórias que trabalhadores presentes no processo de industrialização de Canoas reconstróem sobre esse período? Seus objetivos principais são: analisar memórias de ex-trabalhadores e constituir um repositório para a custódia de suas narrativas sobre o processo de industrialização de Canoas. A pesquisa, de caráter qualitativo, articula memória e história social, com procedimentos de investigação bibliográfica, documental e pesquisa em campo, a partir da metodologia da História Oral. Seu produto consistiu na proposta de criação de um Memorial Virtual sobre o trabalho e o trabalhador de Canoas. Como resultados, tem-se que trabalhadores que migraram, principalmente de áreas rurais do Rio Grande do Sul, buscavam melhores condições de trabalho, instalando-se e construindo suas vidas, participando da organização da comunidade, a partir de associações de moradores, grupos religiosos, clubes recreativos, sindicatos, de festas e celebrações comunitárias, auxiliando na transformação de Canoas em um município referência com o terceiro maior PIB do Estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Canoas. Trabalho. Memória Social. Memórias de trabalhadores. Memorial Virtual. História Oral.

ABSTRACT

This research is inserted in the field of studies in social memory, in the Memory, Culture, and Identity Research Line, of the Graduate Program in Social Memory and Cultural Assets, and its theme is the industrialization process of Canoas between the 1940s and 1970s. During this period, the city, which was emancipated in 1939, had an accelerated industrialization process and a strong presence of migrants who came to Canoas to live in lots that gave rise to the various neighborhoods in the city. The guiding problem is the following: What memories that workers in the process of industrialization of Canoas reconstruct this period? Its main objectives are to analyze the memories of former workers and to constitute a repository for the custody of their narratives about the industrialization process in Canoas. The research, qualitative in nature, articulates memory and social history, with bibliographic and documental investigation procedures, and field research, based on Oral History methodology. Its product was the proposal for the creation of a Virtual Memorial about the work and the worker in Canoas. As results, we have that workers who migrated, mainly from rural areas of Rio Grande do Sul, sought better work conditions, settling building their lives, participating in the community organization, from neighborhood associations, religious groups, recreational clubs, unions, parties and community celebrations, helping in the transformation of Canoas into a reference municipality with the third largest GDP in the State of Rio Grande do Sul.

Keywords: Canoas. Work. Social Memory. Workers' Memories. Virtual Memorial. Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Relação de entrevistados(as).....	21
Quadro 2 – Identificação dos autores e palavras-chave.....	23
Quadro 3 – Quanto ao problema de pesquisa.....	24
Quadro 4 – Quanto aos objetivos.....	25
Quadro 5 – Tipologias/Funções de Memoriais.....	26
Quadro 6 – Significados para Memorial.....	27
Quadro 7 – Fases da Industrialização no Brasil.....	38
Figura 1 – Vista aérea do Frigosul (Década de 1950).....	43
Figura 2 – FOC - Fábrica de Vidros Figueiras Oliveiras e Cia. Ltda	45
Figura 3 – Adubos Pampa S.A. (Década de 1950).....	46
Figura 4 – Metalúrgica Liess (Década de 1970).....	47
Figura 5 – Minuano S/A (Década de 1950/60).....	50
Quadro 8 – Dados socioeconômicos do município de Canoas (1958).....	50
Quadro 9 – Classificação das indústrias de Canoas (1966).....	52
Figura 6 – Multinacional Carrier.....	53
Figura 7 – Lançamento da Pedra Fundamental da Refap (21/12/1961).....	55
Figura 8 – Inauguração da Refinaria Alberto Pasqualini (1968).....	57
Figura 9 – Presidente Ernesto Geisel e outros - Inauguração da Casa de Força da REFAP, 1970.....	58
Figura 10 – Linha do Tempo.....	59
Figura 11 – Enchentes da década de 1940 - Vila Rio Branco, Canoas.....	62
Figura 12 – Frigorífico Nacional Futebol Clube (década de 1960).....	65
Figura 13 – Frigorífico Nacional Futebol Clube (maio de 1960).....	65
Figura 14 – Resquícios da Vila Operária do Frigosul no Bairro Rio Branco, Canoas (década de 1990).....	66
Figura 15 – Resquícios das edificações do Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros quando da implosão dos prédios (década de 1980).....	69
Figura 16 – Madef S. A. Instalações da rua Liberdade, Bairro Igara, Canoas	70
Figura 17 – Indústria IRIEL – Sede nova e antiga	72
Figura 18 – Nair (a primeira à direita) com colegas trabalhadoras da Indústrias Micheletto em Canoas (década de 1960).....	76

Quadro 10 – Pré-proposta de mapa do site.....	80
Figura 19 – Print de Publicação no Facebook do Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas.....	83
Quadro 11 – Matriz SWOT: fatores externos.....	84
Quadro 12 – Matriz SWOT: fatores internos.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGCO	Your Agriculture Company
ACIC	Associação de Comércio e Indústria de Canoas
CEPE	Clube dos Empregados da Petrobrás
CICS	Câmara de Indústria Comércio e Serviços de Canoas
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea
DTG	Departamento de Tradições Gaúchas
FEICCA	Feira Industrial e Comercial de Canoas
FRIGOSUL	Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros Ltda.
HO	História Oral
IAPI	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMOS	Conselho Internacional de Monumentos e Sítios
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IRIEL	Indústria Riograndense de Interruptores Elétricos
MAHLS	Museu Histórico La Salle
MV	Memorial Virtual
MVTTC	Memorial Virtual do Trabalho e do Trabalhador de Canoas
REFAP	Refinaria Alberto Pasqualini
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
TST	Tribunal Superior do Trabalho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNILASALLE	Universidade La Salle
USA	Estados Unidos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	Problema de pesquisa.....	15
1.2	Objetivos.....	15
1.3	Justificativa.....	15
1.4	Recorte temporal da pesquisa.....	16
1.5	Percurso metodológico.....	16
1.5.1	<i>Etapas da pesquisa.....</i>	17
1.5.1.1	Pesquisa bibliográfica.....	17
1.5.1.2	Pesquisa documental.....	17
1.5.1.3	Pesquisa Exploratória – Fase inicial da Pesquisa.....	18
1.5.1.4	Pesquisa de Campo.....	19
1.5.1.5	Análise dos dados.....	21
1.6	Organização da dissertação.....	21
2	ESTADO DA ARTE E REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1	Estado da Arte.....	23
2.1.1	<i>Estado da arte sobre memórias de trabalhadores.....</i>	23
2.1.2	<i>Estado da arte sobre centros de memórias de trabalhadores.....</i>	26
2.1.3	<i>Referencial teórico.....</i>	30
3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL.....	36
4	INDUSTRIALIZAÇÃO EM CANOAS.....	41
5	INDÚSTRIAS DE CANOAS CRIADAS ENTRE 1940-1970: MEMÓRIAS DE TRABALHADORES.....	60
5.1	Memórias de trabalhadores sobre o Frigosul.....	60
5.2	Memórias sobre a MADEF SA Indústria e Comércio.....	69
5.3	Memórias sobre a IRIEL-Indústria Riograndense de Interruptores Elétricos Ltda.....	71
5.4	Memórias de um trabalhador em trânsito por indústrias de Canoas.....	73
5.5	Memórias sobre a Metalúrgica Micheletto.....	74
5.6	Um trabalhador e memórias de vários espaços de trabalho.....	77

5.7	Memórias sobre a Refinaria Alberto Pasqualini.....	78
6	MEMORIAL VIRTUAL DO TRABALHO E DO TRABALHADOR EM CANOAS-MVTTC (1940-1970).....	80
6.1	A quem se destina - o público-alvo.....	81
6.2	Divulgação prévia.....	82
6.3	Análise do ambiente, potencialidades e ameaças.....	83
6.4	Pesquisa e curadoria.....	86
6.5	Manual da Marca.....	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS.....	89
	APÊNDICE A – Manual da Aplicação da Marca.....	95
	ANEXO A – Itens do Acervo de Imagens Sobre Industrialização de Canoas.....	107
	ANEXO B – Exemplos de recortes de jornais com matérias sobre a industrialização de Canoas.....	110
	ANEXO C – Prints do Facebook do Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas.....	114

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa desenvolvida no campo de estudos em memória social, inserida na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais, tendo como tema a industrialização de Canoas entre as décadas de 1940 e 1970 e, como objeto, memórias de trabalhadores sobre esse processo. Sua proposta de produto é a constituição de um repositório para reunir narrativas e imagens. Trata-se de um Memorial Virtual do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas (MVTTC), com acesso universal e gratuito, a ser custodiado no site do Observatório La Salle: Trabalho, Gestão e Políticas Públicas.

A proximidade com este tema está relacionada à minha própria trajetória de vida pessoal e profissional. Minha família, de pequenos agricultores, migrou do município de Camaquã, zona sul do Estado, para Canoas, em 1964. O meu pai, sem profissão, foi trabalhar na construção civil, entre as quais, as obras de construção da REFAP e a irmã mais velha empregou-se na metalúrgica Micheletto. Na década de 1970, foi a minha vez de ir trabalhar nas indústrias canoenses, começando pela Metalúrgica Liess, passando pela Massey Ferguson e chegando na Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP), onde permaneci por quase 30 anos. Após minha aposentadoria, em 2014, ingressei na graduação em História na Unilasalle, que concluí em 2019. O meu trabalho final foi justamente uma pesquisa sobre o processo de industrialização de Canoas e a implantação da refinaria da Petrobras, que se constituiu um marco fundamental para o desenvolvimento econômico do município. Fiz apresentações desta pesquisa na Feira do Livro de Canoas, em 2019 e no V Colóquio de História, Cultura e Religiosidades Afro-brasileiras da Universidade La Salle.

Para a compreensão da memória dos ex-trabalhadores, assim como a do trabalho em Canoas, é preciso contextualizar que a cidade, que se emancipou do município de Gravataí em 1939, desde os primórdios, foi investida de medidas públicas para que se tornasse um polo industrial. Seja pela proximidade com o Quarto Distrito de Porto Alegre que se industrializou a partir da Era Vargas, ou por ser caminho para as colônias alemãs de São Leopoldo e Novo Hamburgo, que se ligavam à capital por ferrovia e mais tarde pela estrada que viria a ser a BR 116, Canoas era

conhecida como “cidade dormitório de Porto Alegre”¹, para depois se tornar um dos principais polos industriais do Estado.

1.1 Problema de pesquisa

Tendo em vista este cenário, como questão principal proponho: Como trabalhadores que atuaram no processo de industrialização de Canoas, entre as décadas de 1940/70, reconstruem suas memórias sobre esse período?

Outras perguntas alinhadas a esta, envolvendo esses sujeitos históricos são: Qual a sua procedência? Como chegam e passam a residir em Canoas? Como foi sua inserção no mercado de trabalho local?

1.2 Objetivos

A partir desses questionamentos pretendo, utilizando a metodologia da História Oral (HO) e pesquisa documental: investigar a percepção de trabalhadores sobre as principais indústrias que se estabeleceram em Canoas no período de 1940-1970; verificar quem eram esses indivíduos, como chegaram e passaram a residir em Canoas e sua inserção no mercado de trabalho; analisar a ocupação do espaço, moradias e formas de lazer dessas pessoas nos bairros da cidade.

Tendo em vista os dados das entrevistas realizadas e acervos documentais e fotográficos catalogados, outro objetivo é reunir este material num repositório digital para formar o Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas, que será custodiado pelo Observatório La Salle: Trabalho, Gestão e Políticas Públicas.

1.3 Justificativa

Fazer pesquisa sobre a memória do trabalho e dos trabalhadores reveste-se de importância, tanto a nível local, regional e nacional, tendo em vista que existem lacunas na literatura sobre esse tema. Apesar dos estudos sobre Canoas já terem avançado e mantido sua continuidade, faz-se necessário aprofundamentos em

¹ Tal constatação indica que, para a historiografia, as ideias de cidade veraneio, cidade dormitório e cidade industrial não são apenas referências, mas, verdadeiras tipologias de classificação das cidades (VIEGAS, 2011).

relação à sua industrialização.

A relevância deste trabalho consiste na ampliação da construção de conhecimentos sobre o trabalho e o trabalhador em Canoas a partir de suas próprias percepções, uma vez que são tidos aqui como atores principais do processo. Também, com a produção e reunião de fontes no Memorial Virtual (MV), contribuo com a constituição de uma “memória auxiliar²”, que ajude na compreensão das mudanças no mundo do trabalho contemporâneo.

1.4 Recorte temporal da pesquisa

O período temporal que envolve esta pesquisa, está compreendido entre os anos 1940 e 1970, por este recorte abrigar o processo de industrialização que levou Canoas a receber o epíteto de “Cidade Industrial”.

1.5 Percorso metodológico

Como afirma Marilena Chauí na apresentação da obra de Ecléa Bosi, “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (CHAUÍ, apud BOSI, 1987, p. XXI), precisamos, pela reflexão, localizar e desenvolver esta lembrança no tempo e no espaço, contextualizá-la, fazer conexões com outros fatos e outras lembranças e assim dar significado e relevância a esta lembrança que passa a ser então uma memória compartilhada. A autora de Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos, ainda afirma que “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral” (BOSI, 1987, p. 43). É esta “arte da narração” que procuro, ouvindo e registrando as histórias de vida de trabalhadores das empresas no período estudado, que foram sujeitos da construção da Canoas que temos hoje e que, muitas vezes, são esquecidos pela história oficial. Ainda, junto a estas narrativas, um acervo documental que servirá de base para o Memorial que tenho como proposta de produto deste mestrado.

A pesquisa, quanto à sua abordagem, enquadra-se como qualitativa, visando a obtenção de dados sobre as pessoas e seus locais de trabalho no contexto social do município de Canoas no período em questão. Para Minayo (2001), a pesquisa

² “A questão é que já nos habituamos às memórias auxiliares móveis que nos acompanham, e não exercitamos a memória do corpo” (DODEBEI, 2016, p. 228).

qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Já na sua natureza, enquadra-se como aplicada e seus objetivos são descritivos.

1.5.1 Etapas da pesquisa

Nesta seção apresento as cinco etapas da pesquisa que compreende este trabalho. Em sequência, são elas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa exploratória, pesquisa de campo e análise dos dados.

1.5.1.1 Pesquisa bibliográfica

Consistiu na busca de publicações científicas que se relacionem com a temática da pesquisa, atinentes à memória social, história social do trabalho e constituições de memoriais. Trata-se de materiais para embasamento teórico para o meu trabalho e de exemplos para a formação do meu produto. Alguns autores que se dedicam aos estudos de memória e memória social já foram consultados, como consta no item anterior de revisão conceitual. Além disso, foram realizados fichamento e catalogação dos materiais encontrados.

1.5.1.2 Pesquisa documental

Foi baseada na reunião de documentação e imagens sobre o processo de industrialização, as condições de vida dos trabalhadores e seus envolvimentos sociais e comunitários para serem catalogadas e fazer parte do Memorial. Tenho como possíveis fontes, jornais da época estudada e fototeca do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira, documentos existentes nos arquivos da Câmara de Vereadores de Canoas, acervo do Museu Histórico La Salle-MAHLS, arquivos da Câmara de Indústria e Comércio de Canoas, de sindicatos e por fim, acervos de pessoas que colaboraram com a pesquisa.

O MAHLS custodia a documentação produzida por dois importantes trabalhos de pesquisa já realizados, os quais, valendo-se da metodologia da HO, coletaram

testemunhos relacionados à industrialização de Canoas, entre outros temas, a saber: Projeto Canoas-Para Lembrar Quem Somos, coordenado pela professora Rejane Penna da Unilasalle (1994-2006) e depois pela professora Cleusa Maria Gomes Graebin (2007---); e Projeto “Memória, Identidade e Patrimônio Industrial: Memórias dos lugares de produção de Porto Alegre e Região Metropolitana”, coordenado pela professora Ana María Sosa González, professora da Unilasalle (2017-2018). Em ambos foram feitas entrevistas, na sua maioria, com migrantes que vieram se estabelecer em Canoas, na busca por trabalho e melhores condições de vida.

1.5.1.3 Pesquisa Exploratória – Fase inicial da Pesquisa

Estudos sobre metodologias, colocam que a pesquisa exploratória é o contato inicial com o tema a ser analisado ou com os sujeitos a serem investigados. A pesquisa exploratória facilita a formação de ideias para o entendimento geral do problema. Frequentemente usados, os estudos exploratórios associados à pesquisa qualitativa têm por finalidade a compreensão do conjunto geral do problema de pesquisa, podendo auxiliar na determinação de variáveis a serem consideradas ou no desenvolvimento de hipóteses (RÉVILLION, 2003).

Neste sentido, apliquei um questionário pelas redes sociais, usando a plataforma “Formulários Google”, entre os meses de dezembro de 2020 e janeiro de 2021. Buscava a identificação de recordadores vivos, tendo em vista o recorte temporal, que se dispusessem a relatar suas vivências como trabalhadores em Canoas. Tratou-se de uma experiência proveitosa, pois em curto espaço de tempo, tive um bom número de respostas, ou seja, 23 pessoas, demonstrando o interesse no tema.

As perguntas foram no sentido de identificar os respondentes, como: nome, idade, escolaridade, se mora ou não em Canoas, a importância de Canoas ter um Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores e, por fim, solicitei sugestões de possíveis colaboradores a serem entrevistados. A maioria dos respondentes do questionário manifestou ser muito importante a possibilidade de se constituir um Memorial Virtual do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas, dando sugestões de possíveis entrevistados (sete no total), conforme segue: Aldo Souza Gonçalves; Apelles Sampaio dos Santos; Elton Antonello; Floracy Vieira Proença; Nair Morais Rodrigues; Ociran Agosta de Freitas e Vivaldino Machado dos Santos. Realizei as entrevistas a

partir desta lista.

Vale ressaltar que não tive a preocupação de entrevistar muitos colaboradores, uma vez que na metodologia da História Oral - HO, há o que Thompson (2002) indicou, ou seja, que a saturação da mostra obedece à “lei dos rendimentos decrescentes”: conforme as narrativas apresentam repetições de informações, pode-se finalizar a coleta. Assim, iniciei a pesquisa com sete colaboradores, aos quais inseri outros, conforme explicito na sequência.

1.5.1.4 Pesquisa de Campo

O campo foi realizado a partir da metodologia da História Oral, que Verena Alberti, em Manual de História Oral, assim define:

Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto estudado (ALBERTI, 2013, p. 24).

Conforme relata a autora do manual, os depoimentos pessoais são usados como fonte desde os primórdios da escrita da história, mas foi a partir da década de 1950, com a invenção do gravador de voz, que ganhou um novo impulso, “permitia congelar o depoimento, possibilitando sua consulta e avaliação em qualquer tempo e transformando-o em fonte para múltiplas pesquisas” (ALBERTI, 2013, p. 24).

O método da história oral utiliza basicamente duas modalidades de entrevistas: história de vida ou entrevistas temáticas. No caso desta investigação, onde quero investigar o percurso e a experiência de ex-trabalhadores no período de desenvolvimento industrial em Canoas, achamos mais apropriado o modelo de história de vida.

O acervo disponível no Museu Histórico La Salle serviu como ponto de partida. Também foram usados como fonte de pesquisa, a coleção de livros História de Nossos Prefeitos, volumes 1 ao 9, editados pela Secretaria de Cultura de Canoas entre os anos 1998 e 2012.

No contato prévio com antigos trabalhadores de indústrias de Canoas, para relatarmos suas experiências e trajetórias de vida, também me foram indicados familiares que trouxeram experiências que não vivenciaram, mas que lhes foram

transmitidas, o que Pollak (1992, p. 201) chama de “acontecimentos vividos por tabela”. O interesse está naquilo que é lembrado sobre a sua vida laboral e a conjuntura social da época. Iniciei ouvindo trabalhadores de algumas empresas que marcaram o processo de industrialização de Canoas, seja por importância econômica ou que geraram muitos empregos, por exemplo: o Frigosul - Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros, que foi a primeira grande indústria do município e hoje extinta; a Refap - Refinaria Alberto Pasqualini, que iniciou operações em 1968 e até hoje tem grande importância, notadamente em arrecadação de tributos; a Metalúrgica Minuano que começou montando automóveis na década de 1950, passou para a Massey Ferguson e hoje é AGCO - Your Agriculture Company, dos EUA-Estados Unidos da América.

Quanto à escolha dos entrevistados, procurei seguir os preceitos que Alberti (2005) indica para pesquisas de História Oral, ou seja, pessoas que estejam de acordo com os objetivos da pesquisa. Esta não é baseada em amostragem quantitativa e sim que o entrevistado possa agregar dados, a partir de sua experiência de vida. Fiz uma lista prévia de possíveis entrevistados, recorrendo, entre outros, ao apoio do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, para a indicação de trabalhadores aposentados das indústrias mais antigas e representativas para posterior contato.

A partir das respostas à pesquisa inicial pelas redes sociais, levantei uma lista de pessoas a serem entrevistadas, conforme mencionado anteriormente. Lembrando ainda os conselhos de Alberti sobre os entrevistados:

Podemos concluir então que a escolha dos entrevistados, por mais criteriosa e justificada que seja durante a formulação do projeto de pesquisa, só é plenamente fundamentada no momento de realização das entrevistas, quando se verifica, em última instância, a propriedade ou não da seleção feita (ALBERTI, 2005, p. 33).

Ainda sobre a escolha dos entrevistados, a autora alerta que mesmo durante a realização das entrevistas pode haver alterações, por algum impedimento de alguém da lista ou o surgimento de um novo nome que seria importante acrescentar.

Ocorre que o aparecimento da pandemia do COVID-19³, entre 2020 e 2021, no Brasil, causando a necessidade de distanciamento social, prejudicou o planejamento que havia sido projetado. Foi preciso refazer o percurso, tendo em vista, infelizmente, o falecimento de possíveis depoentes. Assim, utilizei entrevistas já realizadas para os dois Projetos anteriormente citados, cujo acervo é custodiado pelo MAHLS.

³ A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

No Quadro 1 a seguir, trago informações sobre a coleta de testemunhos.

Quadro 1 – Relação de entrevistados(as)

Acervo de entrevistas do Projeto Canoas - Para Lembrar Quem Somos
<p>Álvaro Celestino Fernandes Porto - entrevista de 2002, em fita K7; Adélia Buzzacaro - entrevista de 1994, em fita K7; Ingo Norberto Muhle - entrevista de 2002, em fita K7; José Vitorino Neves Leal - entrevista de 2002, em fita K7. Valnyn Gomes Fernandes - entrevista de 1994, em fita K7</p>
Acervo de Entrevistas do Projeto Memória, Identidade e Patrimônio Industrial: Memórias dos lugares de produção de Porto Alegre e Região Metropolitana
<p>Cazemiro Iwanoski, entrevista em 12/09/2017, transcrição. Telmo da Silva Gonçalves, entrevista em 12/09/2017, transcrição. Paulo Ricardo Mallmann Vargas, entrevista em 12/09/2017, transcrição. Inajara dos Santos Pugliese, entrevista em 2017, transcrição. Anita Maria Muller Schimidt, entrevista em 2017, transcrição.</p>
Entrevistas realizadas pelo autor nos meses de maio e junho de 2022
<p>Apelles Sampaio dos Santos - entrevista gravada em gravador digital; Nair Moraes Rodrigues - entrevista gravada em gravador digital; Ociran Agosta de Freitas - entrevista gravada em gravador digital; Vivaldino Machado dos Santos - entrevista gravada em gravador digital.</p>

Fonte: Produzido pelo autor.

1.5.1.5 Análise dos dados

Tanto os documentos, fontes bibliográficas e testemunhos orais precisam ser submetidos a tratamentos de acordo com a sua especificidade. Para os testemunhos orais, utilizarei a análise interpretativa, que envolve a reconstrução do horizonte das experiências vividas pelos colaboradores da pesquisa.

Para o estudo dos relatos orais como patrimônio industrial, terei como apoio os estudos de: Kühl (documento eletrônico); Sosa Gonzáles e Viegas (2017) e Ferreira (2009). Valorizando as histórias de vida dos entrevistados, com suas experiências vivenciadas tanto nas fábricas como nos locais de moradia, passando por dificuldades e tendo que se adaptar a novas realidades.

1.6 Organização da dissertação

A dissertação está organizada em sete capítulos, a saber:

Capítulo um Introdução apresentamos o problema de pesquisa, os objetivos, a justificativa e o percurso metodológico; Capítulo dois discorremos sobre o Estado Arte e Referencial Teórico. Capítulo três destacamos Algumas Considerações Sobre o Trabalho e o Processo de Industrialização no Brasil; Capítulo quatro esclarecemos como foi a Industrialização em Canoas; Capítulo cinco são exploradas as Memórias de Trabalhadores da Indústria em Canoas; Capítulo seis apresentamos O Produto: Memorial Virtual do Trabalho e do Trabalhador na Indústria em Canoas (1940-1970) e no Capítulo sete são feitas as Considerações Finais.

2 ESTADO DA ARTE E REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Estado da Arte

A instalação e desenvolvimento da indústria ocorre de modo diferenciado em cada sociedade, adquirindo características próprias, de acordo com as circunstâncias históricas e ambientes em que surge e se desenvolve. Decorre assim a possibilidade de realizar seu estudo em nível regional ou local. (MOURÃO, 2017)

Se a indústria constitui hoje um dos setores mais avançado e dinâmico da economia e traz consigo um conjunto de transformações, como a criação e a difusão da tecnologia, o surgimento de novas classes sociais, o crescimento das cidades, o aceleração do comércio nacional e internacional, entre outras. Dentre as novas classes sociais surgidas no processo de produção fabril, os trabalhadores constituem uma das dimensões importantes do processo produtivo e de novas relações sociais e culturais, isso porque o espaço fabril se coloca como marco organizatório e disciplinador de uma nova modalidade de trabalho, de formação técnica desse setor social e de relações econômicas e sociais de trabalho. (MOURÃO, 2017, p.11)

2.1.1 Estado da arte sobre memórias de trabalhadores

Analisei textos acadêmicos que abordam história, narrativas e memórias de trabalhadores. Busquei trabalhos que se assemelhavam à abordagem realizada aqui, ou seja, memórias de trabalhadores da indústria, história do trabalho e o uso da metodologia de história oral. São trabalhos de diferentes locais e realidades diversas, conforme Quadro 2.

Quadro 2 – Identificação dos autores e palavras-chave

Autor	Título	Palavras-chave
Projeto de pesquisa História, Memória e Cidade: Culturas, trajetórias de vida e lutas por direitos no Brasil Contemporâneo – Pró Reitoria de Pesquisa e Inovação da Universidade Federal de Goiás – UFG.		
LANGARO, Jiani Fernando	Cidade, Trabalho e História Oral: Apontamentos Sobre as Muitas Memórias da Formação de Toledo – PR (1940-1990).	Paraguaios; caboclos; Indústrias; campos e cidades; trabalho
Revista Historiar – Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA-Sobral-CE.		
SALES, Telma Bessa	Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral – Muitas Histórias e Outras Memórias	Trabalhadores; experiências; memórias

Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.		
PIMENTA, Ricardo Medeiros	Entre os Retalhos do Trabalho Esquecido: Narrativa, Memória e História de Trabalhadores Têxteis no Rio de Janeiro	O artigo não traz palavras chaves.
Núcleo de Pesquisa e Estudos em Cidade, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.		
RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos	Entre Biografias e Trajetórias de Pesquisa(dores): Memória Operária e Reflexões de um Historiador Nativo	Memória operária; Historiadores nativos; biografias; trajetória; história do trabalho

Fonte: Produzido pelo Autor.

Como se pode observar, vários estudiosos em diferentes universidades pelo Brasil, desenvolvem trabalhos com a temática semelhante e que colocam o trabalhador como sujeito histórico na construção e desenvolvimento das cidades por meio do processo de industrialização que marcou principalmente a segunda metade do século XX. A seguir, trago observações relacionadas aos problemas de pesquisa sobre o tema (Quadro 3).

Quadro 3 – Quanto ao problema de pesquisa

Autor	Título	Problema de Pesquisa
LANGARO, Jiani Fernando	Cidade, Trabalho e História Oral: Apontamentos Sobre as Muitas Memórias da Formação de Toledo – PR (1940-1990)	Relações entre história memória com foco nas narrativas de trabalhadores que viveram em Toledo/PR desde a década de 1940.
SALES, Telma Bessa	Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral – Muitas Histórias e Outras Memórias	Busca das experiências dos trabalhadores em seu próprio fazer-se histórico, através de suas narrativas de memórias.
PIMENTA, Ricardo Medeiros	Entre os Retalhos do Trabalho Esquecido: Narrativa, Memória e História de Trabalhadores Têxteis no Rio de Janeiro	Investigação da memória coletiva de velhos operários têxteis da cidade do Rio de Janeiro.
RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos	Entre Biografias e Trajetórias de Pesquisa (dores): Memória Operária e Reflexões de um Historiador Nativo	Reflexão sobre os dilemas e as potencialidades dos historiadores nativos, especialmente nas pesquisas sobre a memória operária.

Fonte: Produzido pelo autor.

Seguindo a análise dos artigos elencados, no quadro 3, percebe-se as similaridades nos problemas de pesquisa que buscam estudar as relações entre história e memória pelas narrativas dos trabalhadores e, também, a conformação de novos olhares sobre a história do trabalho. No Quadro 4, examino os objetivos indicados pelos autores.

Quadro 4 – Quanto aos objetivos

Autor	Título	Objetivos
LANGARO, Jiani Fernando	Cidade, Trabalho e História Oral: Apontamentos Sobre as Muitas Memórias da Formação de Toledo – PR (1940-1990)	Tratar das trajetórias desses sujeitos no local, dando visibilidade àqueles que para ali mudaram a fim de trabalhar e são esquecidos nas memórias oficiais da cidade.
SALES, Telma Bessa	Trabalhadores da Fábrica de Tecidos de Sobral – Muitas Histórias e Outras Memórias	Analisar experiências e memórias dos trabalhadores da indústria têxtil de Sobral-CE.
PIMENTA, Ricardo Medeiros	Entre os Retalhos do Trabalho Esquecido: Narrativa, Memória e História de Trabalhadores Têxteis no Rio de Janeiro	Através das narrativas desses homens e mulheres, contribuir para uma historiografia mais plural, pondo em evidência esses sujeitos históricos que sempre estiveram ali.
RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos	Entre Biografias e Trajetórias de Pesquisa (dores): Memória Operária e Reflexões de um Historiador Nativo	Abordar sobre desafios, inseguranças e aprendizados acumulados, estimulando o debate sobre novas formas narrativas para a história do trabalho.

Fonte: Produzido pelo autor.

Sobre os objetivos dos textos estudados, ressalto alguns pontos importantes: por meio das narrativas dos ex-trabalhadores e suas memórias, os trabalhos e estudos se propõe a contribuir para uma historiografia mais plural, dando voz a sujeitos históricos invisibilizados pela história oficial.

O estudo destes trabalhos me traz novos subsídios que contribuem para a minha pesquisa e demonstra, também, a relevância do meu trabalho, uma vez que

estão sendo realizados com temáticas semelhantes por estudiosos de vários locais, trazendo novos olhares sobre a história do trabalho e a memória dos trabalhadores, neste caso, em Canoas.

2.1.2 Estado da arte sobre centros de memórias de trabalhadores

A seguir, analisei trabalhos acadêmicos sobre a criação de memoriais e arquivos. Estes trabalhos mostram exemplos bem-sucedidos de pesquisas para a preservação e valorização da memória do trabalho e dos trabalhadores.

Início por trabalho que trata sobre a definição de memorial como instituição e como conceito. Barcelos (1999) traz aportes sobre as tipologias desses equipamentos culturais (Quadro 5).

Quadro 5 – Tipologias/Funções de Memoriais

Função	Instituição	Local
Homenagem	Memorial Diana Spencer	Inglaterra
Homenagem	John Kennedy Memorial	Estados Unidos
Homenagem	Memorial F.M. Dostoievski	Rússia
Homenagem	Memorial a Juscelino Kubitschek - Palácio de Tábuas ou Palácio do Catete,	Brasil - Brasília
Homenagem	Memorial Prestes	Brasil - Porto Alegre
Centro cultural/ Museu/Centro de Convenções	Memória da América Latina	Brasil - São Paulo
Centro cultural/Museu	Palácio dos Azulejos	Brasil - Campinas
Centro cultural/Museu	Usina do Gasômetro	Brasil - Porto Alegre

Fonte: Produzido pelo autor, a partir de Barcellos (1999).

A partir do estudo sobre as tipologias e funções de alguns memoriais, fica presente a oscilação das funções e tipos desses equipamentos culturais. A seguir, ainda apoiado em Barcellos (1999), Axt (2012), Dodebei (2011), faço um resumo sobre o significado da palavra (Quadro 6).

Quadro 6 – Significados para Memorial

Fonte	Significado da palavra memorial
Dicionário Latino Português, de Dirceu Rodrigues (1944), apud Barcellos (1999).	Registros da memória.
Dicionário Latino português, de Cretella Jr. apud Barcellos (1999).	Que ajuda a lembrança.
Dicionário de Francisco Antonio de Souza (1926), apud Barcellos (1999).	Aquilo que serve de lembrança; monumento que lembra.
Dicionário de Cabralli e Ramalli, de 1867, apud Barcellos (1999).	Registro de memórias.
Dicionário de Forcellini e Perin apud Barcellos (1999).	Aquilo que serve para fixar a memória.
Tesouros da Língua latina apud Barcellos (1999).	Escritura da memória
Enciclopédia e Dicionário Internacional Jackson apud Barcellos (1999).	Apontamentos, as coisas de que precisamos lembrarmos.
Enciclopédia Ilustrada Universal, apud Barcellos (1999).	Livro ou caderno onde se aponta ou se anota uma coisa para um fim. Papel ou escrito em que se pede um favor ou graça, alegando os méritos, ou motivos em que se funda o pedido
Conselho Internacional de Museus (2001)	Instituições que homenageiam vítimas do Estado, salvaguardando direitos humanos.
Axt (2012, p. 65)	“[...] os memoriais são, assim, na acepção de Pierre Nora, ‘lugares de memória’, ou seja, espaços que brotam para bloquear a ação do esquecimento, fixando um conceito, imortalizando o que pereceu, corporificando o imaterial [...]”. O memorial, assim, na perspectiva que acolhemos, é uma proposta de lidar com a memória sem necessariamente vinculá-la a um acervo, seja objetual, artístico, documental, imagético. O memorial pode, ao longo de sua trajetória, formar um acervo, na medida em que o trabalho avança (AXT, 2012, p. 66)
Dodebei (2011, p. 2)	“um pouco museus, um pouco arquivos, um pouco bibliotecas, um pouco espaços de lazer e encontros presenciais”.
Barcellos (1999, p. 5)	“[...] o lugar permanente que conserva e expõe coleções de objetos de caráter institucional com fins culturais”.

Fonte: Produzido pelo autor.

Após refletir sobre memoriais, função e conceito, dou continuidade à discussão, trazendo elementos sobre a criação de espaços de memória de trabalhadores.

O primeiro, artigo publicado nos “Cadernos CEDEM” da Universidade Estadual de São Paulo, de autoria de Marcos Aurélio Santana Rodrigues, com o título: **Documentação, história e memória dos trabalhadores no Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro**. Diz respeito a criação do AMORJ – Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro e que está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Este trabalho de formação do arquivo, que segundo o autor, começou desde a década de 1980, conta com acervo documental, bibliográfico e iconográfico, além de material sonoro e audiovisual dos movimentos sociais e políticos da classe operária do Rio de Janeiro. O AMORJ se consolidou como um banco de dados e mantém convênio com sindicatos e centrais sindicais. Nos anos 1990, passou a contar com os arquivos de memórias do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e tem recebido vários acervos pessoais de militantes das causas operárias, além de manter convênios com outros centros de documentação e outras instituições de ensino e pesquisa.

Conforme Rodrigues (2012, p. 98):

O Arquivo [...] tornou-se um dos “lugares de memória” e de referência para os pesquisadores – de todos os matizes – do sindicalismo do nosso estado, formando, assim, para o âmbito acadêmico, político e social, um acervo cada vez mais pertinente a compreensão e as lembranças de ações e práticas diversas de trabalhadores do Rio de Janeiro ao longo de mais de um século de experiências históricas.

O segundo trabalho vem da Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação – Curso de Museologia e tem como título: **Memorial do Tribunal Superior do Trabalho: Análise do Projeto de Criação (2000-20011)**, de autoria de Julyellen Almeida Bruno Araújo, com foco na memória institucional. Tem como objetivos, além de analisar o processo de criação do Memorial do TST, discutir o conceito de memorial no âmbito da museologia. O trabalho foi realizado a partir de entrevistas com membros do grupo de trabalho que criou o memorial e pesquisa documental. O memorial tem um espaço físico dentro da própria sede do tribunal e abriga em seu acervo, documentação que representa a história da instituição que tem sua origem na criação do Conselho Nacional do Trabalho, em abril de 1923.

A autora do trabalho faz uma importante investigação sobre as definições de memorial e de museu, que por vezes se confundem, ambos são locais de memória. Uma lei federal de 2009 define o que é museu e estabelece as suas atribuições. O

memorial do TST em questão, ela conclui, poderia se enquadrar nas definições como um museu. O importante deste trabalho é que mostra a preocupação das instituições em preservar as suas memórias e trajetórias históricas. Muitas destas instituições memoriais, conforme o estudo, situam-se dentro dos próprios órgãos públicos ou instituições empresariais.

O terceiro trabalho, publicado no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e que faz parte do seu Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, tem como autora Miriam Collares Figueiredo e o seu título é: **Da Memória dos Trabalhadores à Memória Petrobras: a história de um projeto**. Figueiredo (2009) traz em sua dissertação, o desenvolvimento deste projeto de memória que é ao mesmo tempo institucional e de trabalhadores, pois usou, principalmente através de entrevistas, as memórias das pessoas para reconstituir a trajetória empresarial.

O trabalho de pesquisa se desenvolveu por seis anos, a partir de 2002 e mobilizou trabalhadores e ex-trabalhadores nos diversos estados brasileiros onde a Petrobrás atua. É importante frisar que ao ser preservada a memória da Petrobrás, está se preservando a própria memória da indústria do petróleo no Brasil. O projeto, como nos relata a autora, foi construído com a participação dos sindicatos de trabalhadores e a direção da empresa. A pesquisa gerou um importante acervo documental e de depoimentos que estão armazenados no banco de dados em história oral no CPDOC e no Museu da Pessoa, além disso foram feitas várias exposições a partir do material coletado e editados alguns livros, bem como um memorial digital.

Figueiredo reforça que a escolha da história oral como base para a pesquisa do projeto de Memória na Petrobras “seguiu uma tendência dos projetos de memória, onde há a valorização do papel desses indivíduos como protagonistas da história, buscando maior legitimação e reforço ou reconstrução de identidade” (2009, p. 62).

A análise destes trabalhos sobre constituição de arquivos e memoriais, contendo história e memória do trabalho e dos trabalhadores, sejam inseridos nas suas lutas políticas e sindicais ou mesmo como memória institucional, reforçam os objetivos da pesquisa desenvolvida, a qual tem como produto a formação do Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas. Este não é apenas um espaço comemorativo, de homenagem, mas também, uma maneira de trazer a voz de sujeitos, muitas vezes invisibilizados, cujos testemunhos são fundamentais para difundir a sua relevância no processo de industrialização do município.

2.1.3 Referencial teórico

A minha proposta de pesquisa se insere nos campos de estudos em Memória Social e História Social do Trabalho⁴, visto que as narrativas de histórias individuais se fundem com as memórias sobre o trabalho pois, a maioria das pessoas passa a maior parte da sua vida adulta dedicada⁵ ao trabalho laboral produtivo para a sociedade.

A partir de novas visões sobre o estudo e pesquisas históricas, na segunda metade do século XX e com a aproximação com outras ciências como sociologia, filosofia, antropologia e psicologia, os historiadores passaram a usar uma diversidade de maior de fontes e deste modo desvendaram vários aspectos da vida cotidiana, dando voz e visibilidade a sujeitos históricos até então invisibilizados. Alguns chamaram de “história vista de baixo”, outros de história social. “Sob este pano de fundo, podem-se reunir desde pesquisas em história social do trabalho e da urbanização, em sentido clássico, até as formulações mais recentes relativas à vida cotidiana, às identidades sociais, ao controle social e à cidadania” (CASTRO, 1997).

Ao abordar questões relativas à memória coletiva e individual, a psicóloga Ecléa Bosi, em sua obra, *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, faz importantes afirmações, ao analisar as lembranças dos seus entrevistados, trabalhadores da indústria paulista das décadas de 1940/50, assim como: “Somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão: Aí está alguém que não me deixa mentir” (BOSI, 1987, p. 331).

Desta forma pode-se inferir que muitas das nossas lembranças são inspiradas ou reafirmadas por outras pessoas e a memória coletiva, que se desenvolve a partir de laços sociais de afetividade, acaba sendo uma soma das várias versões das memórias individuais. Assim, lembrar é reconstruir, com ideias de hoje, as experiências do passado. Tomando como base essas afirmações, busco em meu

⁴ Para saber mais, ver: ABET. Dossiê: História Social do Trabalho (Recurso eletrônico). Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/dossie-gt-15-historia-social-dotrabalho/>

⁵ De acordo com o IBGE, entre 2014-2015, em torno de 50% dos brasileiros (10 anos ou mais) trabalharam 40 a 44 horas por semana. Disponível em <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/horas-trabalhadas.html>. Outros dados informam que da média de expectativa de vida, considerando apenas o horário comercial, passamos mais de 25 anos trabalhando. Disponível em <https://jrs.digital/brasileiros-passam-em-media-mais-de-25-anos-trabalhando/>

projeto de Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas, através de entrevistas com ex-trabalhadores do período de maior desenvolvimento da indústria no município, que foi entre as décadas de 1940/70, preservar as lembranças dessas pessoas que vivenciaram e contribuíram como seu trabalho para formar a cidade que temos hoje.

Ao abordar o conceito de memória e memória social, vemos que a psicóloga Jô Gondar faz importantes considerações no sentido de que o termo, além de polissêmico é também transdisciplinar, ou seja, pode ser abordado por vários campos da ciência separadamente assim como pode ser transversal às várias abordagens, buscando áreas de convergência:

A memória social, como objeto de pesquisa passível de ser conceituado, não pertence a nenhuma disciplina tradicionalmente existente, e nenhuma delas goza do privilégio de produzir o seu conceito. Este conceito se encontra em construção a partir de disciplinas diversas (GONDAR, 2005, p.15).

A autora ainda nos diz que toda a vez que nos posicionamos em questões relacionadas à memória social, estamos fazendo escolhas e seguindo algum direcionamento “sobre o que vale ou não ser recordado”, pois não existe uma lembrança ou um documento neutro, sem sentido, estes são sempre o resultado do quadro social ou da sociedade que os produziu:

Há sempre uma concepção de memória social implicada na escolha do conservar e do que interrogar. Há nessa escolha uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir. Tanto quanto o ato de recordar, nossa perspectiva conceitual põe em jogo um futuro: ela desenha um mundo possível, a vida que se quer viver e aquilo que se quer lembrar (GONDAR, 2005, p.17).

Quando tratamos de questões ligadas à memória humana, não podemos deixar de recorrer a Maurice Halbwachs, um dos precursores dos estudos neste campo, no início do século XX que nos diz que embora o ato de lembrar seja pessoal e individual, ligado ao subconsciente, está sempre influenciado por elementos externos, conforme os grupos sociais que o indivíduo participa: “[...] mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque na realidade, nunca estamos só” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Isto remete ao que se pretende neste estudo, ou seja, as narrativas de

trabalhadores sobre suas experiências de trabalho e de vida em comunidade no período estudado.

Halbwachs também nos fala sobre a relação de memória coletiva e o espaço onde atuamos, lugar onde vivemos e que ocupamos. Não só um espaço físico, mas um espaço social, abstrato onde recordamos e preservamos as nossas lembranças:

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Segundo a professora Olga von Simson (2003), os estudos da memória estão muito difundidos e são abordados por vários campos da ciência, como a História, Sociologia, Filosofia e a Psicologia. Nas sociedades primitivas, a transmissão do conhecimento e da cultura se dava através dos idosos pela oralidade: os “guardiões da memória”, estes tinham um papel importante e eram valorizados pelo seu grupo social. Já nas sociedades modernas, a transmissão e a preservação cultural se dão de diversas maneiras e por vários veículos: imprensa, literatura, mídias audiovisuais, monumentos e museus. É a cultura de uma sociedade “que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem podem exercer o seu papel de seleção” (SIMSON, 2003, p. 15-16), desta forma que se dá o legado para o futuro sobre aquilo que é valorizado e deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, são forças sociais em disputa por hegemonia, que muitas vezes são sutis e parecem despercebidas, atuando para selecionar as memórias a serem preservadas.

Michael Pollak nos traz outras contribuições sobre os estudos da memória, dentre as quais a noção de “memórias subterrâneas” que trata de privilegiar as camadas sociais menos favorecidas e as minorias marginalizadas. Podemos considerar neste espectro as questões relacionadas aos movimentos sociais e dos trabalhadores que desenvolvem o seu trabalho de forma, às vezes, quase imperceptível e que vem à tona em momentos de crises sociais:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional. (POLLAK, 1989, p. 4).

Pollak também faz considerações sobre a relação entre memória e identidade, afirmando que estas são construções sociais, tanto individualmente como coletivas:

Podemos, portanto, dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 205).

Neste sentido, foi importante perceber como esses ex-trabalhadores que foram entrevistados se inseriram neste processo de industrialização e urbanização de Canoas no período estudado, até que ponto eles teriam consciência das transformações sociais em curso e o reflexo em suas vidas.

Além da questão do espaço significativo que nos traz lembranças e identidade, Michael Pollak (1992, p.?), nos diz que “a memória é um fenômeno construído”, uma vez que fizemos uma seleção, consciente ou inconscientemente daquilo que vamos lembrar ou esquecer, e ainda o que a pessoa está vivendo no momento atual, suas preocupações, vai influenciar na sua seleção sobre o que lembrar. Seria impossível gravar e lembrar tudo. Desta forma, a memória sobre a cidade de Canoas neste período de industrialização vai ter versões e visões diferentes, a memória oficial, aquela passada pela classe dirigente nos diversos veículos de comunicação, vai priorizar acontecimentos marcantes como o crescimento econômico, as novas fábricas, as realizações do município etc.

Como trato com narrativas de ex-trabalhadores sobre os vestígios da industrialização de Canoas, irei considerá-las como elementos do patrimônio industrial da cidade. O termo “patrimônio”, que é usado frequentemente no nosso cotidiano, nos remete a vários sentidos: patrimônio econômico e financeiro de um Estado, de uma empresa ou família ou ainda à patrimônios culturais, arquitetônicos, artísticos e naturais (ecológicos) de uma cidade ou nação. A ideia de patrimônio cultural que fazemos na contemporaneidade deriva lá do século XIX, época da consolidação dos Estados Nacionais europeus que queriam forjar a sua identidade, relacionando com tradições e memória, ou seja, um legado social. Assim, conforme as atualizações porque passa o conceito, assume o sentido das práticas sociais e culturais de uma sociedade (FERREIRA, 2009).

Entre as categorias explicativas do patrimônio cultural, encontra-se a do patrimônio industrial, com suas primeiras origens no autor Francisco de Sousa Viterbo,

um dos pioneiros a utilizar a expressão arqueologia industrial em texto sobre moinhos em Portugal (1896), segundo Cordeiro e Silva (2017). A partir dos anos 1950, Michel Rix retoma o termo e o propaga na Inglaterra, abrangendo os vestígios da industrialização no país, sendo colocado como área de estudos na década de 1960. Para além dos aspectos materiais, foram considerados, também, artefatos, testemunhos, lugares, documentos escritos e imagéticos, entre outros. O pensar sobre a preservação dos testemunhos relacionados com a indústria ganhou força, justamente quando complexos industriais tidos como obsoletos foram demolidos, com reação de comunidades, criando movimentos para inventariar os rastros da industrialização.

A emergência dos estudos sobre patrimônio industrial aponta para o quanto se relacionam os conceitos de memória, cultura e identidade e os sentidos e significados para indivíduos, grupos e comunidades que foram impactados pela presença de grandes conglomerados fabris e/ou pequenas empresas que, de alguma forma, marcaram suas vidas, de familiares ou de amigos. Cordeiro e Silva (2017), indicam que o conceito de patrimônio industrial passa a ter expressividade nos anos 1970, mas sua definição como tal, dá-se a partir da Carta de Nizhny (TICCIH BRASIL, 2003, p. 3):

O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.

A partir daí, ocorreram avanços no que tange à preservação do patrimônio industrial, notadamente em função da vulnerabilidade de estruturas, sítios, maquinários e artefatos em geral. Os Princípios de Dublin (2011) ressaltam que há avanço nas pesquisas, cooperação internacional e destaca as comunidades e suas contribuições em termos de preservação. Para auxiliar na proteção do patrimônio industrial, O ICOMOS e o The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage -TICCIH adotaram Princípios que tratam sobre: a definição, os sítios, as paisagens e áreas industriais, pesquisa e documentação, conhecimentos sobre história industrial, políticas públicas, modo de inventário, estruturas ou sítios

industriais ativos, medidas de proteção, novos usos, intervenções físicas, casos de obsolescência, ações educativas, programas, equipamentos culturais, entre outros (TICCIH BRASIL, 2011).

A arquitetura, objetos industriais, arquivos de trabalho, cultura industrial e relatos de vida de ex-trabalhadores, são objetos dos estudos sobre o patrimônio industrial. No Brasil, uma das primeiras experiências foi a do tombamento, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, dos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema (Rio de Janeiro), em 1964.

As narrativas rememorando saberes sobre a produção, sobre as mudanças no mundo do trabalho e a relação com a construção da cidade de Canoas, constituem-se como patrimônio industrial, tema ainda com incipientes estudos na Região Metropolitana de Porto Alegre. A valorização de lugares e estruturas industriais, bem como as memórias construídas sobre a produção, as relações de trabalho, as empresas dão-se porque envolve e integra dimensões da vida e das relações sociais.

A grande chaminé foi se transformando, de símbolo de trabalho e produção, para vestígios de antigas fábricas. A patrimonialização destes espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que são sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento (FERREIRA, 2009, p. 22).

Isto reforça a necessidade de inventários, relatos, documentação do patrimônio industrial, principalmente em termos de elementos imateriais.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TRABALHO E O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Tratar sobre trabalho implica refletir sobre a própria história da humanidade. O trabalho é tão antigo quanto a existência humana e está associado às necessidades de sobrevivência da espécie, na busca por alimentação, abrigo e defesa no meio ambiente em que habita, ou seja, é a ação do homem para sobreviver e realizar-se, criando instrumentos e adaptando os recursos naturais às suas necessidades (ALBORNOZ, 1994).

Ao buscar a definição para a palavra trabalho, aparece em primeiro lugar no dicionário como a aplicação de forças e habilidades humanas para alcançar um objetivo ou determinado fim. Assim, o trabalho possui o significado ativo de um esforço afirmado e desejado, para a realização de objetivos. Neste caso, até o objetivo realizado, a obra passa a ser chamada de trabalho.

Em português, apesar de haver *labor* e *trabalho*, é possível achar na mesma palavra *trabalho* ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável. (ALBORNOZ, 1994, p. 9)

As ciências sociais, ao longo do tempo, têm dado especial atenção ao trabalho, principalmente, em seus estudos mais recentes e sob os mais diversos ângulos como: da História Econômica, da História Social, da História das Técnicas e da História das Ideias. Outras disciplinas também abordam o trabalho como objeto de estudos, como a Antropologia, o Direito e a Filosofia. (SILVA, 2009).

Desde o Iluminismo que os filósofos já pensavam o trabalho, e os socialistas do século XIX, de Saint-Simon a Proudhon, procuraram dar uma atenção especial ao trabalho. Para Marx, a história era o desenvolvimento das relações entre doadores e tomadores de trabalho. (SILVA, 2009, p. 402).

Todo o trabalho tem uma finalidade, para a própria pessoa que o executa ou para quem o contrata, podendo ser estritamente físico ou intelectual ou ainda aliando as duas modalidades. Em algumas sociedades com predominância do catolicismo e em alguns períodos históricos, como na Idade Média, o trabalho era encarado como castigo, padecimento e era destinado aos cervos ou escravizados. Esta visão foi

predominante no Brasil como colônia de Portugal, onde os colonizadores usaram a mão de obra indígena, a de africanos escravizados e a de sujeitos livres.

O Império Brasileiro foi construído basicamente pelo trabalho escravo, que na verdade é uma forma muito antiga de trabalho, vindo desde a antiguidade, usada pelos impérios grego e romano a partir da dominação de outros povos pelas guerras de conquista. Esta questão do trabalho escravo na antiguidade, é ressaltada por Jair Teixeira dos Reis em seu artigo, História do Trabalho e Seu Conceito: “na Grécia havia fábricas de flautas, facas, de ferramentas agrícolas e de móveis onde o operariado era todo composto de escravos” (REIS, 2004, p. 2).

A colonização do “novo mundo” das Américas e regiões da Ásia e África, nos séculos XVI e XVII, pelas nações europeias, fez com que estas acumulassem riquezas consideráveis, o que os especialistas chamam de “acumulação pré-capitalista”. Houve ainda o avanço das ciências com aplicações nas técnicas de manufaturas e ainda a invenção da máquina a vapor, o que propiciou um grande salto na produção de bens, gerando o que foi chamado de Revolução Industrial, no séc. XVIII, inicialmente na Inglaterra e depois espalhando-se pela Europa, assim consolidou-se o trabalho assalariado, nascendo a classe dos operários. Um segundo estágio do desenvolvimento tecnológico e que gerou impactos no trabalho é a descoberta da eletricidade vindo a substituir a máquina a vapor, dando novo impulso à produção industrial no séc. XIX. Já chegando aos tempos atuais, temos a entrada da automação na produção, com a invenção do computador no séc. XX, o que alguns chamam de Terceira Revolução Industrial (ALBORNOZ, 1994).

O trabalho humano é o que dá valor às coisas, mesmo com toda a tecnologia, é através dele que se produz riquezas. O indivíduo moderno encontra no trabalho algo que dá sentido à sua vida e as sociedades ocidentais além de considerar o trabalho como um dever, também o consideram como um direito, algo que pode dar dignidade à pessoa e sua família. Podemos identificar duas grandes vertentes do trabalho: a primeira ligada à sobrevivência humana que leva ao desenvolvimento das ciências e da medicina; a segunda ligada com a criatividade, levando ao progresso tecnológico, produtividade e pesquisas, cultura e entretenimento.

Com as sociedades modernas ocidentais e a industrialização, passa a predominar o trabalho assalariado, em que o operário vende a sua força de trabalho para os donos dos meios de produção, ou seja, o capitalista. Com isso também surge a visão de “trabalho alienado”, o que Karl Marx já discutia desde o século XIX, como

sendo uma característica do modo de produção capitalista. A alienação do trabalho tem dois sentidos: ele é alienado ao trabalhador porque este o vende ao patrão e pela organização da produção em que cada operário faz uma parte sem ver o todo — o produto. Isso fica muito claro no sistema de linhas de montagem (SILVA, 2009).

Quanto ao processo de industrialização, o Brasil está posicionado no rol dos países considerados de “industrialização tardia”, pois esta, só aconteceu a partir do final do século XIX. Enquanto colônia de Portugal éramos proibidos de ter indústrias, todas as manufaturas e utensílios vinham da Europa. O nosso país possui um conjunto de fatores condicionantes para um bom desenvolvimento industrial, quais sejam: amplo e diversificado espaço geográfico; grandes recursos naturais como fontes de matéria-prima (minerais e energéticos); forte mercado interno com uma população diversificada por migrações estrangeiras e diversidade cultural. (SUZIGAN, 2000).

Para melhor compreender-se o desenvolvimento industrial brasileiro, apresento o quadro 7, montado a partir do artigo intitulado: **Industrialização Brasileira em Perspectiva Histórica**, do estudioso Wilson Suzigan que faz parte do Instituto de Economia da UNICAMP. Ele divide o desenvolvimento industrial do Brasil em três períodos, como evidenciado a seguir:

Quadro 7 – Fases da Industrialização no Brasil

1901-1929 - Crescimento Industrial Induzido pela Economia Agroexportadora
<ul style="list-style-type: none"> - Também conhecido como Primeira República, este período caracteriza-se por uma industrialização incipiente e dependente da agricultura de exportação; - A política econômica era dominada pelos interesses da agricultura e os produtores rurais detinham a hegemonia política do país; - Início da diversificação industrial no período da Primeira Guerra Mundial e o final dos anos vinte; - A imigração, principalmente do continente europeu, foi uma importante fonte de mão de obra industrial; - O desenvolvimento industrial do país se deu de forma regionalizada, com ênfase para o sudeste e sul.
1933-1980 – A Industrialização Acelerada
<ul style="list-style-type: none"> - Houve uma ruptura pela crise econômica mundial no início dos anos 1930 que minou o poder da oligarquia rural e a Revolução que levou Getúlio Vargas ao poder; - O crescimento da produção industrial adquiriu dinamismo próprio, impulsionado por um Programa de Substituições de Importações, expansão do mercado interno e uma política governamental de desenvolvimento industrial; - A orientação da política econômica tornou-se francamente industrializante, a taxa de crescimento da produção industrial neste período foi de 8,7% ao ano, o que fez dobrar o volume da produção a cada oito anos e quatro meses;

- O Estado aparelhou-se em termos organizacionais para a coordenação econômica (programas de desenvolvimento industrial e tecnológicos, instituições de fomento e financiamento da produção);
- Prevaleceu a orientação do nacional-desenvolvimentismo e intervenção estatal;
- O Brasil atingiu um novo patamar de inserção internacional, foi gradativamente deixando de ser um mero supridor de *commodities* agropecuárias e absorvedor de capitais de empréstimos, tornando-se um crescente exportador de produtos manufaturados e um recebedor de investimentos diretos de capital estrangeiro;
- A crescente urbanização associada à industrialização, bem como a modernização da agricultura, provocou intensos movimentos migratórios do campo para as regiões metropolitanas, levando a um rápido adensamento populacional nas cidades.

Isso ocasionou um excedente de mão de obra mal qualificada que não conseguia ser absorvida pela indústria apesar do crescimento, tal situação ajudou a pressionar os salários reais para baixo, dificultando uma melhoria nas condições de vida e moradia destas populações.

1981-1998 – Estagnação da Produção e Regressão da Estrutura Industrial

- O padrão de desenvolvimento industrial regrediu, em consequência da abertura da economia ao capital estrangeiro e privatizações em setores estratégicos nacionais como energia, comunicações e mineração;
- Todas as formas anteriormente construídas de coordenação (planos, programas setoriais de investimentos e desenvolvimento tecnológico) foram sendo descartadas;
- No quadro político, com a crise fiscal e financeira do Estado, este, que já não coordenava nada, foi saindo aos poucos de cena. Além das privatizações, foram cortados recursos para o financiamento industrial e o desenvolvimento científico;
- A abertura da economia e do mercado interno do Brasil ao capital estrangeiro e ao comércio internacional mudou radicalmente o ambiente econômico e levou a um processo de desnacionalização. Na ausência de diretrizes nacionais e em desacordo com a própria orientação neoliberal, diversos governos estaduais, buscaram atrair investimentos produtivos promovendo um verdadeiro leilão de subsídios, a chamada “guerra fiscal”;
- Uma nova estrutura de poder foi gestada, com a busca do Estado mínimo na economia (neoliberalismo), capital estrangeiro dominante na maioria dos setores e grupos privados nacionais reestruturados, mas com limitada capacidade financeira;
- A instabilidade na economia, levou muitas empresas a optarem pelo mercado financeiro como *locus* de acumulação, em substituição ao setor produtivo e as lideranças empresariais se acomodaram à nova situação;
- Por último, o sindicalismo que havia renascido nos anos oitenta, voltou a ser enfraquecido na década de 1990 pelo desemprego causado pela recessão e por reestruturações técnico-produtivas das empresas.

Fonte: Produzido pelo autor a partir de Suzigan, 2000.

Minha pesquisa concentra-se, basicamente, no segundo período, o de maior crescimento industrial, sendo que o município de Canoas é um exemplo disso. Houve muitas instalações industriais entre as décadas de 1960/70 e elevado crescimento populacional, principalmente oriundo do êxodo rural. Já a partir do ano de 1990, a cidade que era um grande polo industrial do Rio Grande do Sul, viu muitas fábricas fecharem ou se transferirem para outros municípios do interior, em busca de mão de obra mais barata ou maiores incentivos fiscais. A indústria perdeu parte de sua

expressividade e o setor de serviços se fortaleceu na cidade. Conforme um estudo do DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Socioeconômicas) realizado para o Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas em 2021, as atividades industriais representavam 39,9% do PIB da cidade, enquanto o setor de serviços representava 60,0%.

Trago, a seguir, parafraseando Suzigan (2000), a trajetória da industrialização acelerada de Canoas.

4 INDUSTRIALIZAÇÃO EM CANOAS

A instalação do Terceiro Regimento de Aviação Militar (a popular Base Aérea), em 1937, fomentou o crescimento populacional, comercial e a melhoria de condições de urbanização da região próxima. O futuro município crescia em importância e atraía novos moradores e, projetos de loteamentos surgiram para suprir a demanda da população local e dos imigrantes que vinham em busca de novas oportunidades, seja do interior do Estado ou da Europa em crise pelas guerras, encontravam em Canoas condições de moradia acessíveis.

Um antigo morador, Jacó Wobeto (1994)⁶, rememora os tempos do ainda povoado de Canoas, distrito de Gravataí, informando que os moradores da Vila Rio Branco, Vila Florida (origem do Bairro Fátima), Mato Grande e Rondinha (Praia do Paquetá) por volta da década de 1930 “[...] todos eram hortifrutigranjeiros. Também criavam gado, porcos. [...] faziam banha de porco, lingüicinha e levavam para vender em Porto Alegre [...] Finkler, Schein, Jacobs, Wobeto, Hilgert, Faturi, Hialt eram algumas das famílias que se fixaram naqueles espaços.

Após a emancipação e o crescimento acelerado dos loteamentos populares, o poder público local preocupou-se em ordenar este crescimento com vários projetos de urbanização para o município, porém muitos não chegaram a ser postos em prática.

Os relatos históricos⁷ sobre a industrialização de Canoas informam que em 1940, já com um ano de emancipação do município de Gravataí, o orçamento municipal declarava receitas advindas do setor industrial no valor de 2:000\$000 (dois mil contos de réis). (HISTÓRIA, 1998, p. 46). Em 1944, a Folha da Tarde, jornal de Porto Alegre, trazia manchete que noticiava a passagem de Canoas “de ponto de veraneio a importância (sic.) de grande Centro Industrial” (HISTÓRIA, 1999, p. 90). Aqui percebo o que Halbwachs (1990) aponta como trabalho de memória coletiva, ou seja, a localização de lembranças em um determinado quadro social, ou seja, no contexto da emancipação de Canoas que passa de povoado para município, era

⁶ Entrevista para o Projeto Canoas – Para Lembrar Quem somos, Bairro Rio Branco.

⁷ Escritos relacionados ao desenvolvimento industrial ou assuntos correlatos, relatados na coleção de livros intitulada: História de Nossos Prefeitos – **Série Documento**, volumes: 1 ao 9, publicados pela Secretaria Municipal de Cultura de Canoas. A série histórica se baseou, em boa parte, em notícias veiculadas na imprensa do município e da capital do estado do Rio Grande do Sul.

necessário articular uma ancoragem para significar a cidade - de cidade veraneio para cidade industrial. As recordações de acontecimentos mais antigos, de quando o povoado era procurado por famílias abastadas durante o verão, foram adaptadas às necessidades do presente - à urbanização e à industrialização - sem romper com o passado, mas dando-lhe continuidade, ou seja, uma trajetória que mostra momentos que deram sentido e significado ao lugar.

A primeira região da cidade que recebeu a instalação de uma grande indústria foi aquela mais próxima de Porto Alegre, ao lado do rio Gravataí - conhecida como Vila Rio Branco⁸. Tratou-se do Frigosul - Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros, inaugurado em 1936, comportando matadouro e frigorífico, foi ali construído. Com rápido crescimento industrial, em 1942, segundo relatos de Sezefredo Azambuja Vieira⁹, “Canoas tinha três grandes estabelecimentos fabris, quatro frigoríficos, refinaria de óleo e graxas, lá no fundo da Rio Branco, Cimensul, fábrica de cimento em Morretes” (HISTÓRIA, 1999, p. 25).

A história do Frigosul remonta à primeira década do século XX e à família Oderich, de São Sebastião do Caí, que mantinha negócios na chamada Sociedade da Banha Sul-Rio-Grandense, a qual veio a se instalar às margens do Rio Gravataí em Canoas, na Vila Rio Branco, divisa com Porto Alegre, em 1936. O local era estratégico para este tipo de indústria que necessitava de água abundante e a facilidade de transporte pelo rio. A empresa, em 1938, passa ao comando do Estado que queria produzir e processar a carne gaúcha. Nesse período, o mercado de carnes e derivados era dominado por multinacionais, principalmente inglesas e norte-americanas, que haviam se instalado na fronteira com o Uruguai e no extremo sul do Estado. Em 1939, com novas instalações, o empreendimento teve uma inauguração solene com a presença do então presidente da república Getúlio Vargas (SOSA GONZÁLEZ; VIEGAS, 2017).

A cidade de Canoas, na época de início das operações do frigorífico, final da década de 1930, não possuía mão de obra suficiente para dar conta do trabalho na nova instalação, que previa o abate de centenas de animais por dia. Isso ocasionou um grande afluxo de trabalhadores de outras localidades do estado, inclusive de

⁸ Ao consultar a legislação do município, esta denominação aparece na lei nº 173, de 18 de novembro de 1951 e já como Bairro Rio Branco, na Lei nº 1293, de 17 de julho de 1970. Informações disponíveis em <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rs/canoas>

⁹ Prefeito entre os anos 1956-1959.

lugares que já possuíam plantas industriais semelhantes, conhecedores das tarefas a desempenhar (PENNA, 2004).

De acordo com Irmão Norberto Nesello:

[...]. Convém lembrar que os frigoríficos que estão na Av. Rio Branco [Bairro Rio Branco] que estiveram parados durante um tempo [...] chamavam os Frigoríficos Nacionais. Para os anos de[19]40 era uma construção enorme, grande. Os bois, o gado para o abate vinha das fronteiras em trens de transporte de gado, era comum ver trens 11, 15, vagões carregados de gado, vindos da fronteira. Eram então colocados em invernada que era onde hoje está a Petrobrás [Bairro Brigadeira]. (Ir. Norberto Nesello Entrevista realizada em 07.07.1996 pelo Prof. Miguel Gayeski para o projeto, Canoas – para lembrar quem somos).

O Frigosul (Figura 1) também atraiu contingentes de mão de obra estrangeira, como trabalhadores vindos da Europa para o Rio Grande do Sul no século XIX e, também outros, em decorrência da Segunda Guerra Mundial. Eram alemães, poloneses, ucranianos e italianos entre outros que vieram a formar os bairros Rio Branco e Niterói.

Também, segundo Palma da Silva (1980, p. 160), dispunha de porto, no Rio Gravataí e ocupava “[...] área de 21 hectares, com alta capacidade de abate e estocagem, desenvolvendo um importante setor da economia nacional”. (SILVA, 1980, p. 206).

Figura 1 – Vista aérea do Frigosul (Década de 1950)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (Canoas, RS).

O Frigorífico cumpriu um importante papel para a economia agropecuária do nosso Estado com seus produtos derivados do processamento de suínos, sendo que mais tarde passou ao abate de bovinos e à exportação de carne para a Europa e Oriente Médio por várias décadas.

Nos anos 1950, passou por nova remodelagem, saindo do controle estatal e assumindo outra nomenclatura: Frigoríficos Sul-Riograndenses, com novos acionistas. Já em 1973, em meio a crises econômicas internas e externas, as instalações foram vendidas para a Cooperativa Languiru de Teutônia, no interior do Estado. Esta administrou-o até meados de 1980 quando foi desativado, com as instalações fechadas. Até que no ano 1995, o prédio principal foi implodido, alguns galpões vendidos para outras empresas e equipamentos distribuídos para outras unidades da Cooperativa Languiru¹⁰. Assim terminava a história de uma indústria que, por décadas, foi referência e contribuiu para a formação e desenvolvimento de Canoas.

Outra importante empresa em Canoas foi a FOC-Fábrica de Vidros Figueiras Oliveiras e Cia. Ltda. (Figura 2). Em 1947, a manchete do jornal O Democrata abria uma matéria com a frase: “FOC – O Orgulho do Parque Industrial de Canoas”. Relatava que, aberta em 1943, localizada na Rua Araçá, próxima ao limite do Bairro Mato Grande, já poderia ser considerada a maior fabricante de vidros do Sul do Brasil. (HISTÓRIA, 2000, p. 48-49). Em 1949, passou a chamar-se VIFOSA-Vidraria Figueiras Oliveiras S.A. Seus primeiros produtos consistiam em garrafas para fábricas de bebidas, passando, a partir de 1960, a produzir isoladores de vidro visando à distribuição de energia elétrica. Na década de 1980 passou para o controle de uma empresa do Grupo Saint-Gobain - a Santa Marina - fabricante de utensílios para a cozinha¹¹. (O TIMONEIRO, 2014).

¹⁰ LANGUIRU, outubro e novembro de 2020, n. 13, p. 18. Disponível em <https://www.languiru.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Revista-Languiru-Agronego%CC%81cios-OUT-NOV20.pdf>

¹¹ No final da década de 1990, encerrou a produção em Canoas, concentrando as atividades na unidade de Campo Bom, RS.

Figura 2 – FOC - Fábrica de Vidros Figueiras Oliveiras e Cia. Ltda



Fonte: Acervo do Autor (foto de 2021, instalações desativadas).

Em 29/9/1968, o Diário de Notícias, Suplemento Canoas, noticiava sobre a assistência social aos seus 500 funcionários e seus familiares: assistência médica e hospitalar completa, Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empregados da VIFOSA Ltda.

Dando sequência à trajetória da industrialização de Canoas, notícia veiculada no jornal Diário de Notícias de Porto Alegre em 14/08/1949, ressaltava a importância dos empreendimentos industriais de Canoas como:

[...] grandes depósitos de gasolina e óleo que abastecem todo o estado; matriz dos Frigoríficos Nacionais onde é abatido todo o gado que abastece a capital e os municípios vizinhos; a grande fábrica de garrafas da Vidraria Industrial Figueras Oliveras, além de diversas outras fábricas, tais como de fogões, isqueiros, balas, perfumes, esquadrias, mosaicos e diversas olarias de grande capacidade de produção. (HISTÓRIA, 2000, p. 191).

Com o passar do tempo, mais indústrias procuravam fixar-se na cidade de Canoas, em 1950, segundo informações do Jornal O Timoneiro, já possuía 178 fábricas que produziam de brinquedos a garrafas e outras acorriam ao município como a Salsicharia União, com criação e matadouro próprio de animais, produzindo derivados de suínos, como salsichas, mortadelas e presuntos, inaugurada em 03/02/1952, na então Vila Mariante (Bairro Mato Grande). (JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 03/12/1952).

Na década de 1950, ainda nas margens do rio Gravataí, se instalaram algumas indústrias do ramo de fertilizantes, como a Adubos Pampa Ltda. (Figura 3), de

propriedade de Marcílio Schiavon, uma das maiores fábricas de fertilizantes do Rio Grande do Sul na época. Investidores de Pantano Grande, RS, os quais forneciam calcário para esta empresa, associaram-se aquela, surgindo, em 06/09/1968, a Calcários Pampa Ltda. e após, a Unical Agropecuária Ltda. (UNICAL, 2021).

Figura 3 – Adubos Pampa S.A. (Década de 1950)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (Canoas, RS).

Com o crescimento da industrialização a partir da Segunda Guerra Mundial, Porto Alegre se constituiu, nas décadas 1950/60, no terceiro polo industrial mais importante do país. A maior concentração de empresas deu-se no chamado Quarto Distrito, justamente na divisa com Canoas, o que também ocasionou um grande crescimento populacional nesta região, pois os operários preferiam residir próximo ao local de trabalho. Com o passar do tempo, muitas destas indústrias, ou por falta de espaço para ampliação ou por exigências ambientais mais rigorosas, passaram a se deslocar para regiões mais espaçosas de Porto Alegre e outras mudaram-se para Canoas, que as atraía com incentivos fiscais e boa localização para o escoamento da produção (FORTES, 2004). Em 1949 foi promulgado o Código de Posturas, que previa o zoneamento urbano para Canoas. Dessa forma, a partir de então, as áreas mais altas, como os bairros Igara, São Luiz e São José, foram priorizadas para a instalação de empresas, deixando de ter preferência a área alagadiça às margens do rio Gravataí (VIEGAS, 2011).

Este aspecto é ressaltado na obra historiográfica “Canoas Para Lembrar Quem Somos” bairros São Luiz e São José, contendo depoimentos como o de Osório Biazus, um dos pioneiros na região:

Canoas é uma cidade muito bem localizada em função da proximidade com a capital. Então, em Canoas, começou o seguinte – 65% da produção está aqui neste eixo Porto Alegre-Novo Hamburgo-Caxias do Sul. As indústrias estão neste eixo. Então começou o pessoal do interior vindo para cá. [...]. Tinha transportadora de cargas industriais. A maior parte carregava em Porto Alegre. Mas, Porto Alegre, já naquele tempo, era difícil ter os caminhões lá. Então começaram a instalar em Canoas, em função das facilidades. Naquela época, para comprar um terreno desses aí era mil cruzeiros, uma coisa assim e, com prazo de cem prestações. [...]. Era a maior facilidade, porque tudo isso aqui era campo e campo! (PENNA, 2001, p. 76-77).

Entre as várias empresas que deixaram a capital e se transferiram para Canoas nessa época temos: a indústria de embalagens de papel Moschetti, fundada em 1928, que se instalou no bairro São José em 1954; a metalúrgica Micheletto, fundada em 1912 e que começou a fabricar parafusos em 1919, transferindo-se para o bairro São Luiz em 1963; e a Metalúrgica Liess, fundada em 1946, instalando-se no Bairro Igara em 1973 (Figura 4).

Figura 4 – Metalúrgica Liess (Década de 1970)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira (Canoas, RS).

A partir da segunda metade do século XX, o Rio Grande do Sul e o Brasil, de

forma geral, passam por um forte processo de urbanização, seja por políticas de estado, que fomentaram a industrialização das cidades, ou por crises na produção agrícola voltada para a exportação. Dados dos censos demográficos realizados pelo IBGE, demonstram claramente isto: em 1940, tínhamos um total de 3.320.689 habitantes no Estado, 2.286.294 vivendo no campo e 1.034.395 nas cidades; em 1960, a população gaúcha cresceu para 5.388.659 habitantes, 2.969.690 viviam no campo para 2.418.969 nas cidades; já em 1980 a proporção se inverteu, o estado tinha 7.773.837 habitantes, com 5.250.940 vivendo nas cidades e 2.522.897 no campo (SOARES, 2007).

Também é neste período que a Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) se consolida e passa a ser reconhecida como tal. Crescem os projetos de urbanização nos vários municípios em torno da capital, assim como a instalação de complexos industriais eram favorecidos por uma política nacional desenvolvimentista. Nas principais capitais brasileiras se formaram grandes concentrações industriais e na RMPA destacam-se grandes projetos, desde o final dos anos 1950 até o início dos anos 80: a Refinaria Alberto Pasqualini em Canoas, a Siderúrgica Rio-grandense em Sapucaia, Aços Finos Piratini em Charqueadas, Rio Grande Companhia de Celulose em Guaíba e por fim o Polo Petroquímico de Triunfo (SOARES, 2007).

Neste sentido, Soares afirma, em História Geral do Rio Grande do Sul:

[...] na segunda metade da década de 1950, a indústria porto-alegrense extravasou os limites da Capital, convertendo, segundo Paul Singer (1977), os núcleos urbanos de Guaíba, Canoas e Sapucaia do Sul em autênticos 'subúrbios industriais', com relação aos quais havia uma perfeita continuidade urbana (SOARES, 2007, p. 303, grifos do autor).

Todos estes grandes complexos industriais proporcionaram grande procura por mão de obra, tanto de fora do Estado, como, principalmente, do interior do Rio Grande do Sul, com a predominância da zona sul devido à crise no setor primário e na indústria de alimentação.

Canoas salta de uma população de 95.401 habitantes em 1960, para 220.448 habitantes em 1980, consolidando-se como o quarto município mais populoso do Estado, posição que mantém até hoje, e que no último censo do IBGE do ano de 2010 é contada uma população de 323.827 habitantes, sendo a cidade mais populosa da Grande Porto Alegre. Todo este crescimento populacional, trouxe ao poder público municipal muitos desafios em termos de moradia e saneamento básico para estes

moradores. Desde a década de 1940, começam a surgir várias ocupações para moradia em áreas alagadiças e distantes do centro da cidade, que aos poucos foram sendo regularizadas e melhoradas. Foram nesses loteamentos que se fixaram boa parte dos trabalhadores do parque industrial canoense.

A necessidade de empregabilidade para os novos moradores fez com que as autoridades buscassem instalar uma Zona Industrial no município. De acordo com o jornal *O Momento* de 12/11/55, estatísticas demonstravam que aproximadamente 20.000 moradores se deslocavam diariamente para Porto Alegre para trabalhar, por falta de oportunidades onde residiam. Por ocasião da eleição do novo prefeito para a gestão 1956/59, propunha-se que o município promovesse incentivos e isenções de impostos para atrair novas empresas. (HISTÓRIA, s/d., p. 91-92.)

Ao tomar posse como Prefeito de Canoas (1956), Sezefredo Azambuja Vieira, em seu discurso de posse, argumentava que era urgente “[...] a instituição de zoneamento, em especial, a criação de uma zona industrial, com a encampação da rede elétrica, que é uma esperança para todos [...] abrirá novos horizontes para o enriquecimento de nosso município” (HISTÓRIA, 1993, p. 47). A imprensa de Porto Alegre noticiava que Canoas era o local mais indicado para um Parque Industrial, conforme matéria divulgada no jornal *Diário de Notícias* de 09/02/1957. Em entrevista, o prefeito municipal ressaltava os motivos para isso: localização no caminho de Porto Alegre para o restante do Brasil; facilidades de transportes fluviais, ferroviários, rodoviários e aeroviários. Salientava, ainda, o grande crescimento demográfico, com disponibilidade de mão de obra. A prefeitura facilitava a instalação de indústrias e o preço das terras era menor, se comparado com a capital e com ampla disponibilidade de energia elétrica. (História, 1993, p. 243-244.)

O prognóstico de Sezefredo se materializou, pois em 1958, a empresa Minuano S.A. inaugurou instalações na cidade e fez o lançamento do primeiro automóvel brasileiro: o DKW-VEMAG 1958. A indústria foi instalada no Bairro São Luiz, passando a atuar, também, no ramo de máquinas e implementos agrícolas. No evento houve participação de várias autoridades, inclusive do governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti. (CORREIO DO POVO, 27/04/1958).

Figura 5 – Minuano S/A (Década de 1950/60)



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Sezefredo Azambuja Vieira.

Uma publicação do jornal Gazeta de Notícias, com o título “A Cidade em Números”, trouxe, em 1958, um levantamento sobre os dados econômicos e sociais do município (Quadro 8).

Quadro 8 – Dados socioeconômicos do município de Canoas (1958)

ANO	POPULAÇÃO	INDÚSTRIAS
1940	17.000	53
1950	47.000	208
1958	105.000 (estimada)	262

Fonte: História, 1958, p. 139,140.

Chamam a atenção os dados sobre população e estabelecimentos industriais entre 1940-1958: em 18 anos a população cresceu 617,6% e as indústrias 494,3. O Jornal Diário de Notícias de Porto Alegre, em 27/03/1960, trouxe reportagem sobre o crescimento industrial de Canoas, dizendo entre outros o seguinte:

É impressionante o desenvolvimento do fabuloso Parque Industrial de Canoas, é algo surpreendente a grandiosidade da implantação do parque industrial que se desenvolve com celeridade ininterrupta por todas as zonas do município e da cidade de Canoas. Hoje, sem dúvida alguma, Canoas se encontra entre os 10 principais municípios industriais do Rio Grande do Sul. (HISTÓRIA, 2005, p. 113.)

A presença de grande número de trabalhadores resultou na inauguração de sede do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários). (JORNAL CORREIO DO POVO, 03/05/1960.)

Em 1961, no movimento pela industrialização do Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola lançava um Projeto denominado II Cidade Industrial, a se localizar ao norte, às margens da rodovia que liga a cidade a São Leopoldo. Ainda, fez a declaração de utilidade pública de uma área de 1.000 hectares de terra para o Distrito. Algumas empresas já se encontravam instaladas no local como a COEMSA - Companhia Eletromecânica S.A. e a Micheletto. Foram também destinados 150 hectares para a nova refinaria da Petrobrás a ser construída. (JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 20/10/1961).

Estes movimentos, no entanto, só resultaram em 21 novas indústrias, instalando-se no município em 1962, prometendo emprego para mais de 3.000 operários. Na mesma ocasião também foi levantada a possibilidade de instalação no município de uma escola técnica do SENAI para formar os técnicos em diferentes especialidades. (JORNAL CORREIO DO POVO, 10/01/1962).

Até abril de 1962, foram arrecadados 54 milhões de cruzeiros e matéria no Correio do Povo salientava o recorde de arrecadação de impostos no município, em grande resultante das indústrias instaladas no município. (HISTÓRIA, 2005, p. 141).

Provavelmente isto e o Projeto do governo do Estado tenham incentivado o então prefeito de Canoas, José João Medeiros a sancionar a Lei nº 739, de 03/07/1962, a qual isentava:

[...] de todos os impostos e taxas municipais as pessoas jurídicas que se estabelecerem no Município, para produção de equipamentos eletromecânicos, sub-produtos ou produtos congêneres, que possuam capital mínimo de CR\$ 10.000.000,00, ou empreguem um mínimo de 100 operários. [...] A isenção a que se refere o artigo anterior terá a duração de vinte e cinco (25) anos, a partir do início do funcionamento da indústria, a qual, todavia deverá instalar-se e começar a funcionar dentro do prazo de cinco (5) anos, contados da promulgação desta lei. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS, 1962).

Em 1963, o Jornal “O Gaúcho”, noticiava:

O progresso que vem alcançando tem chamado a atenção de industrialistas de todo o país que, ao deslocarem suas fábricas para o Rio Grande do Sul, sem exceção, têm dado preferência a Canoas. [...] Canoas cresce todos os dias e com ela as suas indústrias, por ser a sua localização, sem favor, a melhor do Estado.¹²

O crescimento industrial do município incentivou a criação, em 1965, da primeira Feira Industrial e Comercial de Canoas - FEICCA. Os seus preparativos foram intensos, recebendo espaço no Jornal Correio do Povo: “Aguarda-se, com grande expectativa o início da montagem dos estandes e das atividades da Feica I, estando desde já reservado grande sucesso para a grande mostra comemorativa do Jubileu de Prata da emancipação de Canoas” (HISTÓRIA DE NOSSOS PREFEITOS, vol. 7, p. 198). Sua segunda edição ocorreria apenas em 1974 nas dependências do futuro Conjunto Comercial de Canoas¹³, primeiro shopping do Rio Grande do sul, que se encontrava em construção. Seu idealizador foi o industrial Olmiro Guindani, na presidência da Associação de Comércio e Indústria de Canoas - ACIC. De acordo com testemunhos orais, o idealizador do shopping, Johannes Engel, foi um dos incentivadores para que empresas nas áreas comercial e industrial se estabelecessem em Canoas (GRAEBIN et. al., 2019).

Matéria no Jornal O Timoneiro ressaltava o crescimento industrial do município e classifica os principais setores industriais como segue (Quadro 9).

Quadro 9 – Classificação das indústrias de Canoas (1966)

CLASSIFICAÇÃO	TIPO DE INDÚSTRIAS
Primeiro lugar	Produtos alimentícios
Segundo lugar	Transformação de minerais não metálicos (orgânicos)
Terceiro lugar	Produtos químicos
Quarto lugar	Mobiliário
Quinto lugar	Metalurgia
Sexto lugar	Papel e papelão
Sétimo lugar	Materiais elétricos

¹²HISTÓRIA de nossos Prefeitos. Cel. José João de Medeiros. Série Documentos. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2005, p. 75.

¹³ Inaugurado em abril de 1976.

Oitavo lugar	Gráfica e editorial
Nono lugar	Perfumaria, sabão e velas
Décimo lugar	Madeiras

Fonte: História, 2006, p. 129-130.

Outra empresa a instalar-se em Canoas foi a Springer, empresa fundada por Charles Springer em Porto Alegre, em 1934, a qual iniciou comercializando geladeiras, passando, depois de sete anos, a fabricar refrigeradores comerciais. Em 1958 lançou o primeiro aparelho de ar-condicionado de janela da América Latina e, ainda na década de 1950, em parceria com a multinacional Admiral, passou a fabricar o televisor Admiral e as geladeiras domésticas. Em 1967 iniciou a operar em Canoas, na Av. Guilherme Schell, Bairro São Luiz, onde concentrou sua produção em aparelhos de ar-condicionado, domésticos e industriais. Em 1983 associou-se à multinacional Carrier.

Figura 6 – Multinacional Carrier



Fonte: Acervo do autor.

Embora o processo de industrialização estivesse em curso, avolumavam-se as questões sociais, tendo em vista as demandas da população em relação à iluminação pública, sistema de esgotos inexistente, problemas de abastecimento de água potável, condições insalubres nos bairros, loteamento abertos em áreas alagadiças, falta de atendimento na área da saúde, insuficiência de moradias para os trabalhadores que

acorririam à Canoas, em busca de emprego. Ainda, o sistema viário precisava de soluções, assim como o de telefonia, entre outros.

Esses melhoramentos, segundo os gestores locais e entidades, como a ACIC, reforçariam a busca por terrenos para instalação de mais indústrias. Assim, em 1967 a Câmara de Vereadores aprovou projeto do executivo que alterava dispositivos da Lei nº 590, de 20.07.59, criando novas normas de infraestrutura para loteamentos industriais no município (HISTÓRIA DE NOSSOS PREFEITOS, vol. 7, p. 136). Ao consultar as fontes percebo que este foi um tema recorrente, pois em 1971, de acordo com matéria do jornal O Timoneiro, a Prefeitura persistia no projeto de instalar um Distrito Industrial na cidade. Em mensagem à Câmara de Vereadores o então Prefeito informava que:

Seguindo a política de desenvolvimento industrial do Município, temos dedicado especial atenção à iniciativa privada, procurando, pelos meios à nossa disposição, atrair o maior número possível de empresas para cá, inclusive gerenciando junto aos órgãos estaduais no sentido de ser fixado neste Município um distrito industrial". (HISTÓRIA, 2012, p. 47-48).

Apesar do crescimento industrial de Canoas, não havia contrapartida para os trabalhadores, pois para estes eram destinados terrenos em loteamentos abertos em zonas alagadiças, exemplo do que o Jornal O Timoneiro apresentava em 1971 como o maior bairro operário de Canoas, o Mathias Velho.

Os 30 mil habitantes atuais [do Bairro] logo atingirão, segundo a Prefeitura, os 100 mil, devido à realidade industrial da cidade, que precisa cada vez mais de operários. Geralmente oriundos do interior do Estado, eles chegam aqui com poucos recursos e se instalam naquelas zonas onde os terrenos são mais baratos, embora não ofereçam mínimas condições de habitabilidade. (HISTÓRIA, 2012, p. 56).

Haviam estudos da Prefeitura que previam a transferência de boa parte dos moradores deste bairro para áreas mais altas da cidade, o que não se concretizou. Ao longo dos anos, foram implantadas melhorias, como a construção de dique para conter as cheias do Rio dos Sinos.

Em 1972, Canoas passa a ter uma Zona Industrial, ao norte da cidade, a qual abriga os Bairros Brigadeira e Industrial. Porém, se de um lado havia a implantação de novas empresas, eram morosas as

[...] orientações técnicas para implantação e o estudo de benefícios fiscais no caso de julgar merecedores. O que realmente carrega indústrias para Canoas são a farta mão de obra disponível e a grande quantidade de propriedades particulares que se estão fracionando, facilitando a aquisição de terrenos”. Além disso conta com a boa localização, facilidades de transportes e disponibilidade de energia elétrica. (HISTÓRIA, 2012, p. 104).

Ocorria uma certa euforia por conta do que se entendia por desenvolvimento, não só industrial, mas também do comércio e dos serviços. Pleiteava-se, inclusive, a instalação do III Polo Petroquímico no município. Canoas atraiu grande contingente¹⁴ de migrantes que se fixaram em áreas irregulares, exigindo do poder público um esforço para prover infraestrutura, educação para crianças e jovens, serviços de saúde, entre outros.

Nesse contexto de expansão da industrialização de Canoas, foi lançada, em 21 de dezembro de 1961, a pedra fundamental (Figura 7) de uma refinaria de petróleo na cidade, ocupando cerca de 217 hectares.

Figura 7 – Lançamento da Pedra Fundamental da Refap (21/12/1961)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

¹⁴ Em 1960 a população era de 95.401 hab., alcançando em 1980, 213.115 hab. Ver: MAYER, Nestor. Memória ambiental da cidade de Canoas: os impactos do processo de globalização a partir dos anos 60. Canoas: Tecnicópias, 2009.

A Refinaria foi construída no espaço da Fazenda da Brigadeira, parte da antiga sesmaria doada a Francisco Pinto Bandeira entre a terceira e quarta décadas do século XVIII. Seu filho, o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira foi o herdeiro das terras das quais se originaram o município de Canoas e emancipando-se desse, o de Nova Santa Rita.

Com sua morte em 1795, sua esposa Josefa Eulália de Azevedo e suas filhas, Rafaela Pinto Bandeira e Maria Eulália Bandeira, foram suas sucessoras. Josefa Eulália era conhecida como “a Brigadeira”, alcunha que Rafaela também reivindicou para si. Rafaela Pinto Bandeira, casou-se com o Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire em 1888, gerando dois filhos e cinco filhas.

Boa parte do espólio de Rafael Pinto Bandeira foi negociada por seus descendentes os quais venderam suas terras com um fazendeiro criador de gado, Saturnino Mathias Velho, que passou a ser o proprietário de boa parte da metade norte de Canoas, incluindo a Fazenda da Brigadeira. Um sucessor de Saturnino, Bernardo de Souza Velho, casou-se com Celina Ferreira dos Reis, bisneta de Rafaela Pinto Bandeira. Assim que, em parte das terras dos Pinto Bandeira e dos Mathias Velho, desapropriadas pelo poder público, nasceu uma das mais relevantes empresas da cidade, a Refinaria Alberto Pasqualini, a qual recebeu este nome em homenagem ao intelectual que integrou o grupo construtor do programa do Partido Trabalhista brasileiro após a queda do Estado Novo e teórico do trabalhismo brasileiro. Como senador eleito pelo Rio Grande do Sul em 1951, foi o relator do projeto de criação da Petrobras, engajando-se no monopólio estatal de exploração de petróleo. (PASQUALINI, 2022).

As obras da Refinaria foram realizadas em duas etapas, iniciando em 1962, durante os governos do presidente João Goulart e do governador Leonel de Moura Brizola. A inauguração ocorreu em 16 de setembro de 1968, com a presença do então Presidente da República Artur da Costa e Silva (Figura, 8), com capacidade de refino de 45.000 barris de petróleo por dia. O Jornal O Timoneiro (18 a 25/09/1968) divulgou o acontecimento com a seguinte manchete: “REFAP: Assim é o Rio Grande”. A notícia destacava a presença do General Costa e Silva, Presidente da República. (HISTÓRIA, 2009, p. 67-68).

Figura 8 – Inauguração da Refinaria Alberto Pasqualini (1968)



Fonte: Arquivo Histórico Nacional, 2022.

Em 1970, a Refinaria passou por ampliação da capacidade de produção, conquistando independência energética, com a entrada em operação da sua Casa de Força, dotada de três geradores, impulsionados por turbinas a vapor, com capacidade de 7.500 KVA cada um. Assim, além de tornar a refinaria autossuficiente em energia elétrica, havia a possibilidade de venda do excedente para a CEEE - Cia. Estadual de Energia Elétrica. O evento contou com várias autoridades, inclusive com o presidente da Petrobrás, o Gen. Ernesto Geisel. (O Timoneiro, 26/06/1997. História, 2009, p. 168)

Figura 9 – Presidente Ernesto Geisel e outros.
Inauguração da Casa de Força da REFAP, 1970



Fonte: Acervo do CEPDOC.

Embora a relevância da Refinaria para a economia do município, esta trouxe, também, o problema da poluição ambiental e, em 1972, enfrentava as reclamações dos moradores, principalmente de seu entorno, em relação ao ácido sulfídrico expelido para a atmosfera. Por ocasião do 4º aniversário de operações, anunciou a construção de uma unidade de recuperação de enxofre (URE). Além da promessa de não mais poluir o ar, o enxofre processado, em torno de 20 toneladas, seria vendido para fábricas de ácido sulfúrico e adubos (HISTÓRIA DE NOSSOS PREFEITOS, vol. 9, p. 126). Em 1973, a área inicial - a da Fazenda da Brigadeira, de 217 hectares, foi ampliada para 500 hectares (O Jornal Correio do Povo de 05/05/1962, publicava que “o empreendimento é tratado como uma grande obra para Canoas e o Estado”. (HISTÓRIA, 2005, p. 141-142).

Figura 10 – Linha do Tempo

Linha do Tempo Processo de Industrialização de Canoas (1940-1970)



5 INDÚSTRIAS DE CANOAS CRIADAS ENTRE 1940-1970: MEMÓRIAS DE TRABALHADORES

Começo este capítulo com memórias de trabalhadores relacionados ao Frigosul, por ser este um dos destaques no processo de industrialização da cidade, originando, inclusive, um ambiente social singular no município — uma vila operária.

5.1 Memórias de trabalhadores sobre o Frigosul

Iniciando narrativa sobre como chegou ao Frigosul, Valnyr Gomes Fernandes (1994)¹⁵ veio da Ilha das Flores (Porto Alegre) para Canoas quando começaram a construir o frigorífico: “Quando viemos para cá o Frigorífico ainda não estava pronto. Havia muitas árvores. Me lembro que os tratores vinham para derrubar as árvores: timbaúvas, figueiras. Derrubavam para botar aquelas estacas”.

Cazemiro Iwanoski (12/09/2017)¹⁶, nascido em 15 de fevereiro de 1930, em Guarany das Missões, relata que começou a trabalhar no frigorífico em maio de 1950. Havia conseguido o emprego rapidamente, já que, desde seu início havia o problema de falta de mão-de-obra.

Apelles Sampaio dos Santos¹⁷ também deixou o campo com a família e veio para a cidade. Ele nasceu em 17 de fevereiro de 1945 na localidade de Chuvisca, no interior do município de Camaquã, na zona sul do Estado. A família com quatro filhos possuía pouca terra para cultivar e sua irmã mais velha já havia se casado e vindo para Canoas. Relata que os pais não tinham condições de aumentar a propriedade, pois naquela época lá no interior não tinham financiamento. A saída, então, para proporcionar um futuro melhor para todos foi vender a propriedade e vir para a cidade em 1965, passando a residir no Bairro São José. Seu marco temporal associado aos seus primeiros anos em Canoas foi a enchente de 1966, quando tiveram de abrigar vários parentes em sua casa. Com 20 anos, Apelles conseguiu uma vaga no Frigosul, onde trabalhou por dois anos. Este emprego foi relevante em sua vida e até hoje ele lembra detalhes de suas tarefas:

¹⁵ Entrevista para o Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos.

¹⁶ Entrevista à Ana María Sosa González e Matheus Kern Vargas (12/09/2017).

¹⁷ Entrevista à Leonel Valdenir Moraes no ano de 2022.

colocar e retirar as carnes das câmaras frias [...] no auge da produção do frigorífico eram abatidas cerca de 800 cabeças de gado por dia para o mercado interno e 20 ou 25 touros para exportação para Israel [...] abatidos pelos próprios importadores, que vinham executar a tarefa e fiscalizavam a embalagem e o embarque da carne [...] eles consumiam só o dianteiro do touro. (Apelles Sampaio dos Santos, entrevista a Leonel Valdenir Moraes 2022).

Adélia Buzzaro (1994)¹⁸, procedente de São Leopoldo também recorda que “o gado era degolado pelos rabinos. Para isso foi feito um local apropriado. Também tinham câmaras só para eles: a nº2 e 3. Para eles só servia a carne do dianteiro. Havia todo um cerimonial especial. A carne ia para o navio através de barco fretado” (SANTOS, 2014, s/p.)

Pelos testemunhos, outra cidade do entorno de Canoas de onde vieram trabalhadores foi Gravataí, como o caso dos pais de Anita Maria Muller Schimidt (entrevista à Ana Maria Sosa Gonzales), os quais chegaram em 1939. Seu pai trabalhou no frigorífico até a aposentadoria. Lembra que havia outras indústrias como a de adubos e a de azeite.

Antes da fundação do frigorífico, já viviam por aqui famílias de descendentes de alemães, italianos, poloneses, ucranianos, russos, entre outros, aos quais se somaram fugitivos da Segunda Guerra Mundial. Estes buscavam emprego em indústrias de Porto Alegre, mas também eram aproveitados no Frigosul.

E aí depois o Frigosul inauguraram [1936], começaram a trabalhar, então como havia dificuldade na mão de obra para começar a empresa, olha, isso requer, para matar oitocentos a mil bois por dia, precisava gente. Então aproveitava, fazia assim uma batida até Livramento, na Swift Armour. Lá, sobrava gente lá, às vezes tinham prática então, e aí iam morar onde? Então a empresa fez, construiu casas, hoje não existe mais no lado de lá tinha o chamado Pombal. (CAZEMIRO IWANOSKI, 2017)¹⁹.

O local onde o Frigorífico fora instalado, estava em espaço mais protegido das enchentes o Rio Gravataí, inserido na várzea, outrora ocupada com plantações de arroz e hortaliças, sem condições para construção de moradias. Mesmo assim, a então Vila Rio Branco foi um atrativo para quem não possuía uma alternativa de sobrevivência. Penna et al. (1994) apoiados em Decca (1990), informam que Canoas seguia um processo de urbanização semelhante à de outras cidades brasileiras, ou

¹⁸ Entrevista para o Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos.

¹⁹ Entrevista à Ana Maria Sosa González e Matheus Kern Vargas (12/09/2017).

seja, com espaços mistos (fábricas e vilas operárias) em terrenos adquiridos a baixo custo, próximos à via férrea.

O *Pombal*, como ficou conhecido o agrupamento de moradias, concentrava as famílias de trabalhadores com menor qualificação em casas geminadas construídas pelo Frigorífico, erguidas sobre palafitas, tendo caminhos com pranchas de madeira que as ligavam entre si. Em tempos de enchentes (Figura 11), a água chegava ao assoalho. Inicialmente a empresa alugava as residências a preços baixos, doando-as a seus moradores na década de 1960. Já para os trabalhadores do setor administrativo foram construídos outros tipos de habitações, em locais mais propícios, com ainda remanescentes presentes na paisagem do atual Bairro Rio Branco.

Figura 11 – Enchentes da década de 1940 - Vila Rio Branco, Canoas



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

A Figura 11 não representa o conjunto de residências dos operários do Frigosul, porém, a partir dela é possível fazer uma projeção da situação da população em tempos de enchentes.

A denominação *Pombal* dividiu as opiniões entre trabalhadores entrevistados para o já citado Projeto Canoas - Para lembrar quem somos (Bairro Rio Branco): para alguns, as construções remetiam a um pombal, em função do aspecto do seu conjunto, mas para outros, recebera este nome tendo em vista o alto índice de natalidade entre as famílias dos trabalhadores ali alojados (PENNA et al, 1994). As

diferenças entre as memórias dos moradores entrevistados remetem ao que é indicado por Halbwachs (1990) e Pollak (1989), ou seja, a memória como construção social do passado, mas com variações, tendo em vista o grupo de pertencimento do sujeito que lembra. A continuidade (força do social para Halbwachs) está nas lembranças sobre o conjunto de casa sobre palafitas, já a diferença quanto à sua denominação, pode se dar em função de projeções, deliberadas ou não, de acordo com Pollak.

Percebo os indícios da constituição de instrumentos de fixação dos operários: trabalho para si e seus filhos, habitação, lazer, um serviço de Correios, caixa d'água, o apito de início e fim de expediente a marcar o cotidiano dos habitantes do Bairro Rio Branco. No entanto, alguns ficaram fora da possibilidade de fazerem parte deste cenário. O crescimento da empresa implicava em mão-de-obra, mas, mesmo com escassez desta, o Frigorífico decidia por não empregar afro-brasileiros:

[...] uma vez tava um pouco difícil de conseguir o número suficiente e eu botei raça negra, não falei na hora porque [sic] tava substituindo a outra que já tava há anos aqui, tá de licença médica [sic] e pra não ferir e então raça negra não adianta. O diretor disse (sic), ela foi feita para temperatura até 40 graus, eles tiram de letra e frio [sic] já lhe avisei, não ponha que eles não aguentam. (CAZEMIRO IWANOSKI, 2017).

Posso inferir que o mundo do trabalho do Frigorífico possuía valores culturais e sociais que apontam para a desigualdade de condições e perspectivas para os trabalhadores negros, as quais marcam a constituição e desenvolvimento do capitalismo brasileiro.

Numa conjuntura em que o processo de constituição capitalista se efetivou, o trabalho assalariado se coloca numa direção essencialmente deformada e excludente, de valorização do trabalhador branco (o imigrante europeu) como símbolo da redefinição social e cultural do trabalho no país. Daí porque a constituição do capitalismo no país, ao imprimir a exploração como condição fundamental da lógica capitalista, imprimiu nessa lógica a discriminação racial como insígnia do modo de produção baseado no trabalho livre. (MARTINS, 2012, p. 456).

A dinâmica do mundo social do frigorífico, para além de sua constituição formada por trabalhadores brancos, também promovia estratos diferenciados entre eles, haja vista os tipos de habitações construídas para abrigá-los, aqui já indicada. Também, para além da esfera do trabalho, o frigorífico fazia-se presente com chefes

de seção e/ou diretores em diferentes tempos sociais e em instituições relacionadas, como escola, igreja, entre outras.

[...] acontecia namoros, e aconteciam casamentos bons, e sempre essa, quase sempre tocava pra mim representar a empresa [...] fui lá o diretor me chamou na sala, diz lá 'tem um casamento, de um operário, chamado João Gaúcho... acho que filha única casando e fez questão de convidar a direção'. Alguém da direção, faziam questão porque era uma honra [...] 'você manda compra presente, manda lá e depois você vai lá [sic]' [...]. (Cazemiro. Iwanoski. Entrevista concedida à Ana María Sosa González, 12/09/2017)

As vivências, a partir do Frigorífico, cruzavam-se de diferentes formas, inclusive no esporte.

Eu me lembro assim ó, que como o meu vô também trabalhava ali no frigorífico e se aposentou também no frigorífico [...] naquela época era tudo em função do frigorífico inclusive tem um campo de futebol que é o Frigosul, que chamavam de Frigosul [Frigoríficos Nacionais Futebol Clube] é um complexo em volta então assim ó a comunidade realmente, eu acho que viviam aquela participação, as pessoas tinham... geravam muito emprego e as pessoas que moravam por perto se beneficiavam. (Paulo Ricardo Mallmann Vargas, entrevista à Ana María Sosa González, 2017)

A partir de documentos da Câmara de Vereadores, descobri que o time de futebol, fundado em 18/04/1940 (Figuras 12 e 13), mantinha um Parque que atendia, tanto filhos de operários como aos de outros moradores da Vila Rio Branco e arredores. Em dezembro de 1963, sua Diretoria solicitou e obteve auxílio do Município para melhorias em seu Parque Infantil, a fim de garantir a segurança das crianças que o frequentava (Abaixo-Assinado da Diretoria do Frigoríficos Nacionais Futebol Clube). Ver imagens do time nas Figura 12 e 13

Figura 12 – Frigorífico Nacional Futebol Clube (década de 1960)



Figura 13 – Frigorífico Nacional Futebol Clube (maio de 1960)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle (doação de Apelles Sampaio, terceiro da esquerda para à direita em pé).

O Clube, de acordo com Inajara dos Santos Pugliese (entrevista à Ana María Sosa González, 2017), mantinha futebol de campo e de salão, tornando-se, também, espaço para o desenvolvimento de relações sociais que redundavam em namoros, casamentos, unindo famílias de migrantes. Bailes de carnaval para as crianças com competições de fantasias, para os adultos, eventos para eleger misses eram alguns dos eventos promovidos pelo Clube.

Entendo que, de certa forma, criou-se uma comunidade corporativa, com o Frigosul exercendo um tipo de paternalismo em relação aos operários, com assistencialismo voltado para a atribuição de residências, a participação na sua vida social e adaptação a novo tipo de existência. Dessa maneira ao acolher aqueles que vinham de longe, perdendo os seus referenciais, proporciona-lhes formas de enraizamento, o qual Weil (1996) indica ser uma necessidade do ser humano, ou seja, a de participar efetivamente da vida de uma comunidade/coletividade, de forma ativa, tendo o reconhecimento dos demais, iniciando nas relações de trabalho, expandindo-se na vila operária (Figura 14), no clube de futebol, nas celebrações na construção de nova identidade, vínculos e memórias.

Figura 14 – Resquícios da Vila Operária do Frigosul no Bairro Rio Branco, Canoas (década de 1990)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

A urbanização da então Vila Rio Branco esteve, inicialmente, relacionada ao Frigosul, organizando o espaço de trabalho, o das habitações — obedecendo ao nível hierárquico e posição social ocupada na fábrica —, os de lazer (time de futebol/salão de baile e Parque Infantil) e o público que orbitava os demais, obedecendo a uma lógica da vila operária em torno do local de trabalho.

Ao pesquisar no acervo de testemunhos orais produzidos pelo Projeto Canoas - Para lembrar quem somos - Bairro Rio Branco, percebi que na trama da vida cotidiana, as necessidades dos moradores em torno de moradias, alimentação, transportes, assistência médica, abastecimento de água, rede de esgoto, pavimentação de ruas, criação da primeira escola, entre outros eram levados, em grande parte, ao Frigorífico e à Paróquia Imaculada Conceição, cujo templo foi inaugurado em 1958. Nas lembranças de Altamiro, este ressalta que o “[...] 1º vereador do Bairro Rio Branco, o senhor Max Oderich [um dos proprietários do Frigosul] fez parte da 1º Legislatura da Câmara Municipal de Canoas” (entrevista ao Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos, 1994).

Os moradores do Bairro elegiam vereadores que levavam até o poder público as suas necessidades, caso de Valnyr Gomes Fernandes, Manoel João Calbo e Alcides Nascimento. Também, envolviam-se com a fundação de entidades como o Sindicato de Carnes e Derivados e a Cooperativa do Frigosul. “Em 1946, os operários do frigorífico fizeram sua primeira greve, buscando melhores condições de trabalho e salário” (Altamiro, entrevista ao Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos, 1994)

Uma organização que tem destaque nas memórias de Jacob Wobeto (1994)²⁰ é a chamada Amigos da Rua Machadinho, formada por moradores:

A finalidade era manter esta rua em boas condições. Então o Max Odrich era muito amigo nosso. Ele nos cedia o carvão do frigorífico, o caminhão pro transporte e assim mantínhamos a rua em condições. O Masttidonski tinha caminhão e também colaborava cedendo o caminhão para buscar o carvão para a rua. Tínhamos um acordo que cada proprietário tinha que contribuir com dez cruzeiros por mês para a sociedade dos amigos da Machadinho. Muitos não contribuía. Eu tinha um empregado cada três meses para limpar os valos. Nestes valos, quando chovia e a água subia, os peixes subiam também.

Não só a Machadinho, mas outras ruas da então Vila Rio Branco foram pavimentadas com carvão doado pelo Frigosul, segundo Cazemiro Iwanoski (2017)²¹:

²⁰ Entrevista para o Projeto Canoas – Para Lembrar Quem somos, Bairro Rio Branco.

²¹ Entrevista à Ana María Sosa González e Matheus Kern Vargas (12/09/2017).

“[...] o frigorífico era tocado a carvão, ao lado havia grandes montes de cinza, [...] o carvão era colocado nos buracos das ruas. [...] caminhões da empresa também levavam...carroças dos moradores levaram o carvão para tapar buracos”.

A empresa também auxiliava, embora de forma precária, no abastecimento de água, com uma torneira próxima ao seu portão de entrada. Os moradores abriam poços artesanais, mas estes não davam conta das suas necessidades. A demanda, levada à Câmara de Vereadores em 30 de outubro de 1958, resultou em Pedido de Providência do Vereador Valnyr Gomes Fernandes:

[...] Quando no verão a seca fazendo com que quase todos os poços fiquem completamente sem serventia verificando-se com isso uma verdadeira procissão na torneira existente; no inverno as cheias que provocam constantemente infiltrações e águas contaminadas no poço, fazendo com isso que centenas e centenas de inocentes, fiquem a mercê da sorte, pois a Prefeitura não podendo atender todas as zonas por não contar com recursos necessários, poderia ao menos com um pouco de boa vontade, resolver junto com a administração do Frigorífico concedesse licença para a instalação dessas novas [2] bicas, com isso estaria também a administração municipal cumprindo com o seu dever, até a resolução final do problema que faça a instalação.

Outras demandas eram as relativas às carências alimentares, com a comunidade insistindo, por exemplo, junto aos seus representantes, para manter o atendimento dado pelo Serviço Social da Indústria-SESI, instalado junto ao Frigorífico, no início do ano de 1960. Frente às dificuldades, operários criaram uma cooperativa para abastecer a população com gêneros alimentícios a baixo custo. Algumas associações de moradores foram formadas, voltadas para distribuição de leite, assistência à saúde e profissionalização de trabalhadores.

Embora esses movimentos dos moradores da Vila Rio Branco, parece-me que havia uma dependência, um “ser assistido” pelo Frigosul, que se expandia, das questões em torno da infraestrutura urbana, do lazer, de celebrações familiares, para moradia, entre outros. Penna et al (1994) ressalta que a vida privada e cotidiana se caracterizava como um prolongamento do frigorífico. Movimentos reivindicatórios relacionados à salários, insalubridade e outros direitos tomaram corpo com a Languiru assumindo o seu controle acionário em 1979 e entrando em falência em 1982.

Sua decadência e fechamento, bem como a implosão dos prédios remanescentes do complexo industrial ainda causam sentimentos de perda entre parte dos moradores mais idosos e seus descendentes no Bairro:

[...] quando foi feita a implosão a gente foi assistir e outras [pessoas] não, não tiveram a coragem, do significado que representava aquela empresa para o bairro, que naquele dia gerou muita comoção nas pessoas que ficaram, assim muita gente chorou na beira daquela grande empresa que representou aquela comunidade. (Telmo da Silva Gonçalves, 29/04/2017. Entrevista à Ana María Sosa González).

Figura 15 – Resquícios das edificações do Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros quando da implosão dos prédios (década de 1990)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

A partir dos testemunhos é possível afirmar que o Frigosul não era apenas um local de trabalho, mas espaço-tempo em que se teceram relações de amizade e de conflito, de vizinhança, reforçando laços com o passado e dando sentido e significado ao vivido no presente.

5.2 Memórias sobre a MADEF SA Indústria e Comércio

Em entrevista, Ingo Norberto Muhle²², nascido em Porto Alegre em 21/03/1935, relata que se formou em Técnico de Mecânica na escola Parobé em 1958 e, no mesmo ano, começou a trabalhar como desenhista projetista na empresa Madef, fundada na década de 1950, atuando no ramo de comércio e instalação de

²² Entrevista ao Projeto Canoas – Para lembrar quem somos, 2002. Acervo do MAHLS.

equipamentos para laticínios. Ingo exerceu o cargo de Diretor Industrial da empresa por 36 anos. No início dos anos 1960, a MADEF montou uma fábrica de equipamentos para frigoríficos na Av. Ipiranga, em Porto Alegre. Os negócios cresceram e o local ficou pequeno, sendo necessário procurar outra área maior, escolhendo Canoas, para a construção da nova fábrica, entre 1966-1976, na rua Liberdade, Bairro Igara (Figura 16). Ao lembrar do local onde a fábrica se instalou, Ingo recorda:

[...] praticamente não havia casas, eram poucos moradores, as ruas de chão batido. A área onde está localizada a empresa destinava-se a um distrito industrial, mas a cidade avançou rápido, era uma zona muito nobre, perto do centro. Muitos funcionários mudaram-se para cá, compraram terrenos perto da fábrica.

Ao recordar os primeiros tempos, informa que as cercanias deveriam se transformar em distrito industrial. Isto explica a instalação no local, de empresas como a Liess Máquinas e Equipamentos Ltda, fábrica de bebidas, entre outras.

A MADEF teve mais de mil funcionários, mas em 2002 passava por política de redução²³ de pessoal, terceirizando serviços. “Hoje a tendência é cada vez fabricar menos para diminuir o risco da ociosidade [...] A nossa indústria se criou em cima da agropecuária e da indústria do Rio Grande [...] houve uma fase forte da indústria da pesca. [...]”²⁴.

Figura 16 – Madef S. A. Instalações da rua Liberdade, Bairro Igara, Canoas



Fonte: Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas.

²³ Em 2015 cerca de 200 funcionários haviam sido demitidos.

²⁴ Entrevista ao Projeto Canoas – Para lembrar quem somos, 2002. Acervo do MAHLS.

Atualmente (2022), a empresa está operando em novas instalações na rua Berto Círio, nº 1480, no Bairro São Luiz.

O testemunho de Ingo traz o que Pollak (1992, p. 13) entende como “inscrição na vida pública”, aqui, neste trabalho, entendida como aquela voltada para a empresa, para a experiência profissional.

5.3 Memórias sobre a IRIEL-Indústria Riograndense de Interruptores Elétricos Ltda

José Vitorino Neves Leal²⁵, nascido em 27/05/1945 na cidade de Rio Pardo, lembra que veio morar em Canoas com a família, com apenas um ano e meio de idade. Seu pai era ferroviário e teve várias transferências, assim cada um dos seus filhos nasceu em um lugar diferente. A família estabeleceu-se na rua Santa Vitória, no Bairro Marechal Rondon, onde José Vitorino passou sua infância e viu a cidade se desenvolver. Aos 22 anos, formado em Técnico de Contabilidade, em 1967, foi trabalhar na empresa IRIEL-Indústria Riograndense de Interruptores elétricos Ltda., que se localizava no Bairro Igara, à rua Rio Negro nº 234, onde permanecia trabalhando até a data da entrevista ano de 2002.

Até casar-se, morou com a família no Bairro Marechal Rondon e fazia o trajeto de bicicleta até a empresa: “na área em que hoje tem o hipermercado Zaffari e o loteamento Jardim do Lago era tudo campo e matas de eucalipto, sendo que a rua Liberdade foi aberta em 1970”. Conheceu sua futura esposa na empresa em que foi trabalhar e depois de casado, em 1971, foi morar próximo da fábrica, onde ainda residia quando da entrevista em 2002.

José Vitorino vivenciou o desenvolvimento e a expansão da fábrica IRIEL - Indústria Riograndense de Interruptores Elétricos — fundada em 1964 —, num galpão em um terreno da área residencial do Bairro Igara, expandindo-se, mais tarde para dois terrenos. Foi uma empresa com marca reconhecida no mercado de materiais elétricos, vendendo para todo o Brasil. Na década de 1990 a empresa estava sem espaço para crescer naquela área da cidade, que era residencial. Então, mudou-se para um espaço bem maior, na Av.do Nazário nº 2100 no Bairro Estância Velha, permanecendo em Canoas.

²⁵ Entrevista ao Projeto Canoas – Para lembrar quem somos, 2002. Acervo do MAHLS.

Em 2004, passou a pertencer ao grupo alemão Siemens (Figura 17). Lamentavelmente, em 2020, após 56 anos, a fábrica foi fechada com muitos trabalhadores perdendo os seus empregos e o município deixando de arrecadar uma quantia considerável de tributos (em 2018 era uma das 20 maiores geradoras de receita para o município)

Figura 17 – Indústria IRIEL – Sede nova e antiga



Fonte: Acervo do autor e Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas.

O estabelecimento de muitas indústrias em Canoas entre as décadas de 1960/70 fez com que houvesse também um grande afluxo de moradores no município, com pessoas de várias partes do interior do Estado buscando novas oportunidades, agravando os problemas urbanos, notadamente o de moradias, surgindo loteamentos irregulares com ocupação de áreas alagadiças no município e abertura de outros em áreas mais altas.

É neste contexto que trago o testemunho de Álvaro Celestino Fernandes Porto²⁶, nascido em Rio Grande em 06/04/1932. Instalou-se no Bairro Igara desde o ano de 1968, quando trabalhava como mecânico na Companhia Carris de Porto Alegre.

Relata o surgimento de um dos primeiros loteamentos de casas populares financiadas pelo então BNH–Banco Nacional da Habitação em Canoas — o Jardim Igara. Informa que por iniciativa dos funcionários da Companhia Carris, formou-se uma cooperativa, que viabilizou o convênio com o BNH para construção das casas que ficariam prontas em 1968, quando se mudou. Quem não era funcionário da

²⁶ Entrevista ao Projeto Canoas – Para lembrar quem somos, 2002. Acervo do MAHLS.

empresa podia também entrar para a cooperativa, mediante uma taxa de adesão. Antes do loteamento: “era uma vila que não tinha ônibus, não tinha água e não tinha luz”²⁷.

Para defender os interesses dos moradores, ele e outros amigos formaram a SAJI – Sociedade dos Amigos do Jardim Igara em 1968, para garantir melhorias e negociar condições favoráveis de pagamento do financiamento das moradias, visto que na hora de receberem as casas prontas, surgiu uma nova “taxa de uso” que dificultou o pagamento para a maioria dos compradores. Embora não estivesse trabalhando em Canoas, foi personagem relevante na vida dos trabalhadores que adquiriram casas no Jardim Igara. Ecléa Bosi aconselhava a ouvir os moradores de um bairro, pois assim, estaríamos “abertos à sua memória, que é a memória de cada rua, de cada bairro” (BOSI, BRUCK, 2017, s/p.) e crescendo de cada fábrica.

A seguir trago relatos de entrevistas, gravadas em áudio, feitas entre maio e junho de 2022, com trabalhadores que passaram a residir em Canoas entre as décadas de 1960/70.

5.4 Memórias de um trabalhador em trânsito por indústrias de Canoas

Ociran Agosta de Freitas²⁸, nascido na cidade de Rio Grande em 13 de março de 1950, formou-se mecânico ajustador pelo Senai daquela cidade e mais tarde, em 1968, foi em busca de melhores condições de trabalho na montagem de uma usina elétrica no município de Alegrete, onde teve contato com a empresa COEMSA (Construções Eletromecânicas S.A.) de Canoas, na época, fabricante de alguns equipamentos para a usina. Deste modo foi convidado a vir trabalhar na empresa, o que aconteceu no ano de 1970, permanecendo em Canoas.

A primeira moradia de Ociran foi alugada, no Bairro Mathias Velho. Mais tarde conseguiu comprar uma casa no Bairro Igara, trazendo seus pais para residir junto a ele. Com o casamento, em 1979, fixou residência no Bairro Marechal Rondon, onde criou os quatro filhos e permanece até hoje. Ele lembra que sua saída da cidade natal, Rio Grande, deu-se pela sua busca de melhores oportunidades de emprego e estudo, pois lá não via futuro. Embora a cidade fosse um importante centro comercial e industrial da zona sul do Estado, passava por crise de empregos, com o fechamento

²⁷ Idem 26.

²⁸ Entrevista a Leonel Valdenir Moraes no ano de 2022.

de indústrias que eram referência nos ramos de alimentação. Caso, por exemplo, do fechamento do frigorífico da Swift Armour, que concentrou suas atividades na cidade de Livramento, causando centenas de desempregados em Rio Grande, inclusive o seu pai.

Sua vida profissional, sempre foi na área de caldeiraria. Começou pela COEMSA e depois continuou na Metalúrgica Liess, no Bairro Igara, até 1973, quando foi chamado para trabalhar na REFAP, em Canoas, onde havia prestado concurso, lá permanecendo até a aposentadoria em 1994. Depois disso, ainda trabalhou em empresas contratadas pela REFAP na área de planejamento e materiais de caldeiraria. Teve também uma experiência como instrutor no Senai de Canoas. Ociran e sua esposa Zulma apreciam as tradições gaúchas e ajudaram a fundar o DTG (Departamento de Tradições Gaúchas) do CEPE, Clube dos Empregados da Petrobrás.

Ao ser questionado sobre a cidade que aqui encontrou, Ociran lembra das dificuldades de moradia e condições urbanas de Canoas na década de 1970, com serviços precários de saneamento e transporte nos bairros populares. “Rio Grande neste sentido estava mais desenvolvida”. Ele viu Canoas crescer e se desenvolver em diversas áreas, ressaltando que “a cidade está bonita, muito arborizada e conta com muitas praças”. Rememora que a primeira vez que ouviu falar de Canoas foi ainda quando adolescente, num programa de televisão que fazia um comparativo com sua cidade, Rio Grande, ele achou na época que “a comparação era desequilibrada, pois a sua cidade era muito mais antiga, com mais história e importância pelo porto marítimo”. Depois, ao perguntar a alguns amigos onde ficava Canoas, eles diziam: “é uma cidade que fica entre Porto Alegre e o zoológico”.

5.5 Memórias sobre a Metalúrgica Micheletto

A Micheletto foi fundada em Porto Alegre em 1912. Breno Micheletto²⁹ lembra que seu avô, Cipriano Micheletto e seu irmão Ruggero haviam imigrado da Itália, abrindo uma oficina mecânica, passando depois, a fabricar tornos mecânicos e após, parafusos. Sua transferência para Canoas deu-se no início da década de 1960, inicialmente com a fábrica de parafusos.

²⁹ Entrevista ao Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos (2000). Acervo do Museu Histórico La Salle.

Foi nesta fábrica que Nair Morais Rodrigues³⁰, nascida em 1º de maio de 1948, em Chuvisca, Rio Grande do Sul, a mais velha dos quatro filhos de um casal de pequenos agricultores começou a trabalhar em 1966. A família passou a residir em Canoas no ano de 1964, quando vendeu a sua propriedade rural e comprou um terreno com casa no Bairro Mathias Velho. Ela recorda que um ano antes de mudarem para Canoas, veio visitar uns tios que já moravam na cidade e constatou que a vida da família poderia ser melhor ali, com melhores condições de vida para os pais, oportunidades de emprego e estudo para os irmãos menores, pois na colônia a vida era muito penosa e não via futuro, a propriedade rural era pequena e plantavam só para a subsistência sem perspectivas de melhorar. Ao retornar de sua visita falou aos pais: “quando eu fizer 18 anos vou embora”. Entende que esta atitude influenciou na decisão de mudança da família.

Chegando em Canoas aos 16 anos, teve que procurar trabalho para ajudar no sustento da casa e o estudo teve de esperar. Começou trabalhando como doméstica em casas de famílias e, após passar por outros empregos, foi admitida na Indústrias Micheletto em 1966, com a atividade principal de fabricação de parafusos. Foi “trabalhar no setor de embalagem, onde a maioria das mulheres da empresa trabalhavam”. Sua tarefa era pesar e empacotar os parafusos. Tem boas lembranças do tempo de fábrica, pois “ali fiz amizades duradouras e também foi nesse emprego que conheci meu futuro marido, que era mecânico de manutenção, com quem me casou no final de 1968”. Deixou a fábrica, dedicando-se ao trabalho doméstico, e ao cuidado dos quatro filhos, hoje todos independentes e com formação superior.

Falando sobre a cidade na década de 1960, Nair lembra da

precariedade do local de moradia, com ruas sem calçamento, valas abertas por onde corria o esgoto e proliferavam mosquitos, também não havia água encanada, cada morador tinha que fazer o seu poço. As condições de transporte também eram ruins, com os ônibus indo só até o centro da cidade, o que dificultava o acesso de um bairro para outro.

Além das dificuldades de moradia, ela lembra do trauma que a família passou, logo no segundo ano de mudança, pela enchente causada pela cheia do Rio dos Sinos no inverno de 1965, quando perderam vários móveis, utensílios e animais domésticos, tendo que deixar a casa e se abrigar nos prédios da REFAP que estava em construção, para onde a prefeitura levou parte dos desabrigados. O mesmo evento

³⁰ Entrevista a Leonel Valdenir Moraes no ano de 2022.

voltou a ocorrer duas vezes no ano de 1967, tendo de abandonar a casa novamente. Porém, desta vez já estavam mais preparados, subiram os móveis e objetos para que as perdas fossem menores. Só dois ou três anos após o problema das cheias no bairro Mathias Velho foi resolvido com a construção de um dique a instalação de casas de bomba para proteção dos moradores.

Apesar de tudo que passou, hoje ela sente-se realizada, e conclui: “a vida teria sido pior se tivesse ficado na roça”. Viu a família crescer e se encaminhar, acompanhando a evolução da cidade que se transformou, com melhorias nas condições de vida e diversidade de atividades econômicas, principalmente no comércio e serviços, que se fortaleceram, em detrimento de menos indústrias hoje. Ela voltou a trabalhar fora de casa bem mais tarde e hoje com 74 anos, atua como merendeira numa escola do ensino fundamental de Nova Santa Rita.

Dos “guardados da memória” mostra fotografias do tempo em que trabalhava na Micheletto, com algumas colegas trabalhadoras em horário de descanso no pátio da Fábrica.

Figura 18 – Nair (a primeira à direita) com colegas trabalhadoras da Indústrias Micheletto em Canoas (década de 1960)



Fonte: Acervo do Autor.

Ao recorrer à imagem, Nair recorre aos vestígios daquilo que marcou sua existência, com um sentido de pertencimento a uma coletividade. Aqui me aproximo de Pollak quando informa que o lembrar se dá no social, relacionado a um grupo — o da fábrica, neste caso. Aqui é possível perceber o lugar (o pátio da fábrica), o acontecimento (intervalo do trabalho) e personagens (colegas de trabalho).

5.6 Um trabalhador e memórias de vários espaços de trabalho

Vivaldino Machado dos Santos, nascido em 14 de julho de 1947, natural de São Luiz Gonzaga, veio para Canoas no ano de 1973. Casado desde os 20 anos e já com três filhos, foi aconselhado a vir para a cidade por parentes que já moravam aqui em Canoas, devido às dificuldades da vida no campo, com pouca terra para trabalhar e condições difíceis para criar os filhos. Vendeu o que tinha e veio se estabelecer no Bairro Igara onde o tio também morava, este logo o indicou para trabalhar na metalúrgica Madef, lembra que a empresa “dava preferência para os que vinham do interior naquela época”. Foi admitido como ajudante, na fábrica que produzia equipamentos para frigoríficos, e mais tarde aprendeu o ofício de soldador. Permaneceu neste emprego até o ano de 1987, quando saiu por acordo para aplicar o dinheiro da indenização na construção de sua nova casa no Bairro Mathias Velho.

A seguir trabalhou na Metalúrgica Liess, onde permaneceu por pouco tempo, pois aderiu a uma greve dos trabalhadores e por ainda estar no contrato de experiência, foi demitido. Depois, ele conta que trabalhou por alguns meses em casa como serralheiro, até que foi admitido em outra metalúrgica: a Springer Carrier no Bairro São Luiz, que produzia aparelhos de ar-condicionado domésticos e comerciais. Ele permaneceu neste emprego até se aposentar pelo INSS em 1995 e ainda mais dois anos, quando saiu e então comprou um pequeno sítio no município de Santa Rita. Desta forma voltou às suas origens, cuidando da terra e criando alguns animais para a subsistência.

Foi quando funcionário da Springer que o Sr. Vivaldino³¹ teve uma experiência como sindicalista, por sua participação em assembleias da categoria metalúrgica e suas posições firmes em defesa dos trabalhadores, foi convidado a participar da direção do sindicato, o que aconteceu por duas gestões entre os anos de 1990 e 1996.

³¹ Entrevista à Leonel Valdenir Moraes no ano de 2022.

Ele lembra com orgulho que sempre cumpriu suas funções como trabalhador dentro da fábrica: “*produzindo sem fazer corpo mole*” e participando das mobilizações do sindicato e que às vezes foi ameaçado e punido com suspensão, mas não deixou as suas convicções. Até hoje mantém sua associação ao Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas.

Comentando sobre a cidade que aqui encontrou quando deixou a sua terra natal, lembra que era muito precária, ruas sem pavimentação e transporte público muito deficiente, neste sentido ele ressalta que sempre trabalhou perto do local de moradia. Conclui dizendo que Canoas cresceu muito, com muitas oportunidades de emprego em várias áreas, mas que seria muito mais difícil hoje para quem viesse do interior, as exigências de qualificação para o trabalho são bem maiores “lá na década de 1970 era bem mais fácil, tu saia de um emprego logo arrumava outro”.

Acompanhando as matérias veiculadas no jornal “O Timoneiro” ao longo dos anos 1970, percebe-se concentração de reivindicações e de ações em relação à BR-116, à resolução dos problemas de abastecimento de água, habitações populares, transportes coletivos, recolhimento e local para depositar o lixo, educação e escolas, distrito industrial, entre outros.

A antiga bucólica Canoas, dos muitos capões, que fora recortada por loteamentos, que recebera intenso fluxo migratório e que se vira alçada à condição de cidade industrial e comercial precisava dar conta dos efeitos do crescimento econômico e demográfico. Sua população se organizava para a resolução dos problemas locais. Canoas deixava de ser “cidade dormitório”. Seus moradores, na maioria migrantes, ao reconstruir suas vidas, cotidianos, sociabilidades e vizinhanças, mobilizavam-se em torno de objetivos e estratégias que possibilitassem viver bem na cidade.

5.7 Memórias sobre a Refinaria Alberto Pasqualini

As obras da Refinaria Alberto Pasqualini iniciaram em 1962 e as autoridades canoenses receberam muito bem o primeiro batalhão de engenheiros que veio para o início das obras. Foram recebidos pelas autoridades do município, segundo Cliton Mendes Goulart, vindo de Santana do Livramento, funcionário da REFAP, presente no processo de sua instalação, comenta que a decisão de instalar a refinaria em Canoas já que a direção entendia ser um lugar propício, tendo em vista a facilidade

de transportar combustível e derivados. Segundo ele, a negociação para a desapropriação das terras da Fazenda Brigadeira foi amigável e os primeiros trabalhadores que chegaram à cidade foram recebidos “com um grande churrasco. O início foi num tom festivo. [...] eram pessoas que viam desenvolvimento de Canoas”³². Continuando sua narrativa, relata que, após cinco anos de funcionamento, ocorreram diversas reclamações dos moradores próximos da Planta, que alegavam o mau cheiro e a poluição gerada pelo gás sulfídrico expelido a partir do tratamento do gás de cozinha, o que implicou na construção de uma unidade de enxofre para reduzir os danos do efluente atmosférico. Suas recordações remetem às questões ambientais:

Há preocupação com o ambiente, enquanto por aí destruíram tudo o que é mato, aqui nós conservamos mata da época que está no mapa da região de Canoas e consta esse capão que tem aqui na frente. Ele está intacto. E não é só isso. Há poucos dias recebi descendente do morador daqui quando da desapropriação. Ficaram admirados que nós estamos com muito mais árvores do que havia naquela ocasião, que era muito mais campo. Então, em termos de arborização, que é uma coisa saudável para a cidade e para o controle da poluição e fornecimento de oxigênio e tudo o mais, nós ampliamos muito isso aqui. Temos uma área com animais diversos. Isto nos deu até um título de que temos muito orgulho: Refinaria Verde. (2000)

Os moradores de Canoas, apesar de reconhecerem a importância da REFAP para o município e da sua busca por melhorar o tratamento de efluentes e com a recuperação de áreas degradadas, ainda assim, nos anos 2000, buscavam junto ao poder público, a composição de plano de emergência em caso de catástrofe, tendo em vista que a área do entorno abriga dois Bairros, o São José e o São Luiz. A instalação da Refinaria promoveu a vinda de empresas diversas e a consequente necessidade de mão de obra. Osório Biazus³³, lembra do grande afluxo de migrantes para Canoas, vindos de Erexim, Garibaldi, Carlos Barbosa, Veranópolis e Nova Prata, em busca de empregos.

A partir das vozes dos trabalhadores entrevistados busquei visões sobre a industrialização de Canoas, principalmente como constroem narrativas a este respeito e se incluem no processo, construindo pertencimentos.

³² Entrevista ao Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos (2000). Acervo do Museu Histórico La Salle.

³³ Entrevista ao Projeto Canoas – Para Lembrar Quem Somos (2000). Acervo do Museu Histórico La Salle.

6 MEMORIAL VIRTUAL DO TRABALHO E DO TRABALHADOR EM CANOAS-MVTTC (1940-1970)

Com base na Carta de Nizhny Tagil (2003), a qual apresenta o conceito de patrimônio industrial, o Memorial aqui proposto tem por objetivo organizar um repositório virtual de vestígios que englobem documentos escritos, imagéticos e orais sob a custódia do Observatório La Salle: Trabalho, Gestão e Políticas Públicas, com livre acesso ao público interessado e que poderá servir de banco de dados para futuras pesquisas na área. Trata-se, também, de resguardar a memória individual e coletiva de trabalhadores das indústrias de Canoas.

Para tanto, realizei levantamentos em diferentes espaços de memória, já citados anteriormente, quando percebi a relevância de fundos documentais, sejam eles textuais ou imagéticos, compostos de fontes diversificadas, que possibilitam construir diferentes abordagens sobre a evolução industrial do município. Também, na continuidade desta pesquisa, constituir um banco de testemunhos, com narrativas de trabalhadores/as, constituindo memórias sobre espaços industriais, processos, relações entre trabalhadores, entre outros. Inclusive, é possível, também, um esforço de refuncionalização³⁴ de algum espaço fabril, a fim de musealizar objetos fabris, entre outros.

A arquitetura deste produto virtual está em processo de definição, porém, tenho algumas ideias iniciais que explico na sequência.

Quadro 10 – Pré-proposta de mapa do site

<p>O MVTTC</p> <ul style="list-style-type: none"> -Sobre -Missão -Histórico
<p>Acervo</p> <ul style="list-style-type: none"> -Documental -Imagético -Fontes orais

³⁴ “A refuncionalização de espaços urbanos degradados consiste no processo de transformação de funções de elementos arquitetônicos de um determinado processo histórico pretérito. A refuncionalização é uma consequência natural da própria reestruturação socioespacial de determinada cidade, liderada por alguns grupos sociais. Dependendo da força dos grupos sociais e de suas intencionalidades, esse processo pode abranger escalas distintas, como edifícios, bairros, cidades ou mesmo regiões”. (SOTRATTI, 2015, s/p.)

Exposições virtuais -Título A -Título B -Título C -Arquivos
Estudos e pesquisas -Publicações
Educativo
Notícias
Parceiros
Inscreva-se
Seja voluntário
Contato
Links e outras referências

Fonte: Autoria própria.

6.1 A quem se destina - o público-alvo

O Memorial se destina a todos que se interessarem pela história da classe trabalhadora no processo de industrialização do município de Canoas, principalmente, estudantes do ensino médio e do ensino superior, trabalhadores em geral e a todos os moradores do município, considerando uma faixa etária a partir dos 15 anos de idade. Segundo dados do IBGE (2010), Canoas possui uma população estimada para o ano de 2020 de 348.208 habitantes, sendo que temos aproximadamente 250 mil pessoas nesta faixa etária (15 a 80 anos).

O Memorial não visa ao lucro, o acesso será gratuito a todos que desejarem se informar ou pesquisar sobre o seu conteúdo, desta forma pretende-se gerar valor não monetário, mas valor cultural, sentimental e histórico a quem vier a acessá-lo. As gerações mais novas, que não viveram no período pesquisado, terão um local para pesquisar e conhecer sobre o processo de formação do município de Canoas, as indústrias e a história de vida dos trabalhadores que vieram de diversos lugares e passaram a viver aqui, constituindo os vários bairros populares da cidade.

Gerar valor para os trabalhadores que participaram, com sua força de trabalho, deste período e que hoje muitos estão aposentados. Estes poderão ser reconhecidos como protagonistas deste processo histórico e sentirem-se valorizados pelas suas

vidas e labuta nas indústrias da cidade assim como suas trajetórias de vida nas comunidades. O quanto é importante olhar para trás e ver o que foi construído, a cidade se transforma como tempo e alguns locais de trabalho já não existem mais ou foram modificados, daí a importância de preservar essas memórias, reunindo estes acervos e colocá-los à disposição da comunidade.

O acervo a ser reunido no Memorial também servirá como banco de dados para estudantes e pesquisadores, que por sua vez poderão agregar novas informações, pois a proposta é que o trabalho fique aberto a novos interessados em continuar as pesquisas. **Ver alguns exemplos no Apêndices A.**

Para o poder público municipal, o Memorial Virtual também vai gerar valor, pois a cidade será reconhecida pela sua história que compreende a trajetória de industrialização, que tornou Canoas um dos polos econômicos mais importantes do Estado do Rio Grande do Sul e pela população que aqui veio morar e construir os bairros desta cidade que hoje é o quarto município mais populoso do nosso Estado. O poder público e a sua municipalidade podem se reconhecer nesta trajetória.

Por fim, também vai gerar valor para as entidades de classe, tanto dos empregadores, como a Câmara de Indústria Comércio e Serviços de Canoas (CICS), como os Sindicatos dos Trabalhadores Metalúrgicos e dos Petroleiros, só para citar duas das categorias mais importantes da cidade. Estas entidades podem se reconhecer como fazendo parte desta trajetória com suas memórias, podendo ainda contribuir com os seus acervos para a pesquisa. Como o Memorial pretende valorizar o papel da classe trabalhadora a partir dos depoimentos dos operários, os sindicatos serão convidados a colaborar como patrocinadores, tendo sua força e papel importante na organização da luta sindical e política reconhecidos pela sua atuação na história recente de Canoas do Estado. O Memorial quer ser um local de referência para este acervo.

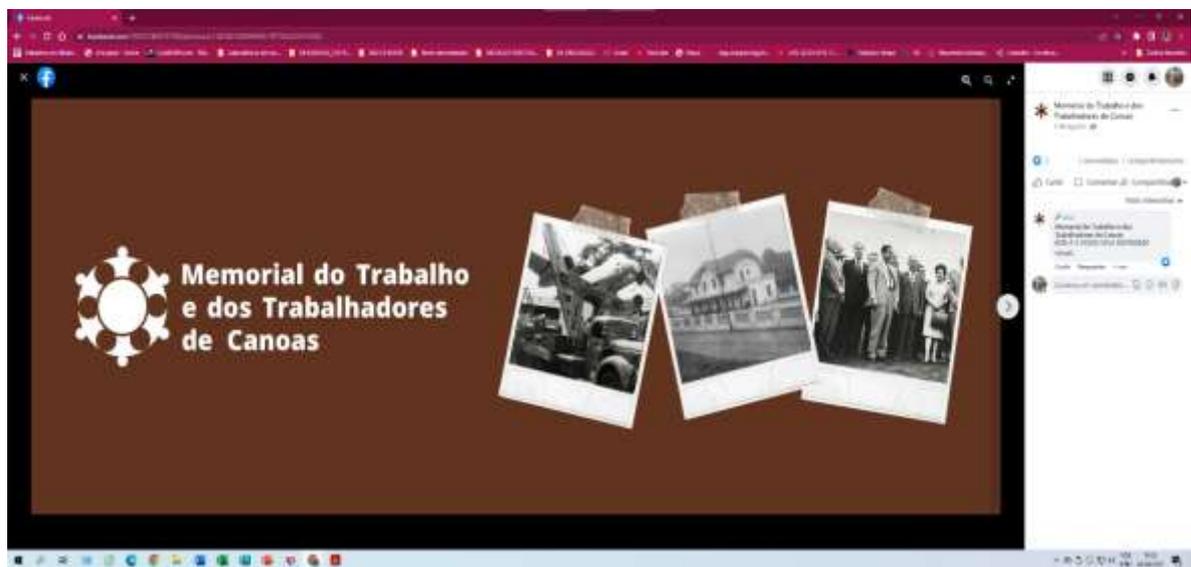
6.2 Divulgação prévia

No sentido de atrair a atenção para o público alvo e possíveis colaboradores para o projeto, estou fazendo a divulgação do Memorial nas redes sociais, como Facebook (Ver Anexo C) e Instagram e procurar contato pessoal com entidades de classe do município, câmara de vereadores e prefeitura, pois entendo que o projeto é de relevante interesse para todos, uma vez que visa a valorização e divulgação da

história de formação e crescimento da cidade de Canoas, assim como todo o povo trabalhador que veio morar aqui.

Em relação ao Facebook, no mês de julho de 2021, criei uma página com o nome de **Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas**, onde já fiz várias postagens com os objetivos da página, fotografias e breve histórico de algumas indústrias representativas do período em estudo.

Figura 19 – Print de Publicação no Facebook do Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas



Fonte: <https://ms-my.facebook.com/102527488767600/posts/a-vifosa-foi-uma-importante-empresa-para-canoasfundada-em-1949-com-o-nome-de-vid/123713376649011/>

Obtive até então boa receptividade, com muitas visualizações e adesões.

6.3 Análise do ambiente, potencialidades e ameaças

Os especialistas em planejamento estratégico e marketing apresentam uma ferramenta muito eficiente para análise do ambiente mercadológico para o lançamento de projetos e produtos, que a chamada Matriz SWOT (sigla em inglês para: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças). Conforme Chiavenato e Sapiro (2003), a função da matriz SWOT ou FOFA, como também é conhecida entre nós, é cruzar as oportunidades e as ameaças externas com os pontos fortes e fracos da organização ou produto. A partir de uma análise dos dados desta tabela pode-se alterar estratégias, no caso de dificuldades ou então manter o fluxo do planejamento em caso de sucesso

nos resultados.

A aplicação da matriz para o nosso produto traz as seguintes constatações:

Quadro 11 – Matriz SWOT: fatores externos

Fatores externos	
<p>Oportunidades</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reunir um acervo documental, imagético e relatos de vida de trabalhadores de Canoas no período dos anos 1950/1980; - Disponibilizar para a população canoense um local de conhecimento e pesquisa sobre a história do trabalho e memórias dos Trabalhadores no período estudado; - Aproximar as memórias das entidades de classe e dos trabalhadores com a trajetória de crescimento econômico e expansão do município de Canoas; - Expandir o conhecimento sobre a história do trabalho e da classe trabalhadora e propiciar que outras pessoas possam ampliar a pesquisa e o acervo. 	<p>Ameaças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de acesso aos locais de pesquisa (arquivos públicos e privados) e pessoas a ser entrevistadas, devido à situação de pandemia que ainda vivemos; - Desinteresse em colaboração de entidades de classe e possíveis parceiros; - Dificuldades de acesso, ou falhas tecnológicas na plataforma/<i>site</i> de hospedagem do produto, tornando-o indisponível.

Fonte: Produzido pelo autor.

Quadro 12 – Matriz SWOT: fatores internos

Fatores internos	
<p>Forças</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grande interesse pessoal do auto da pesquisa e apoio da Unilasalle ao Disponibilizar o <i>site</i> do Observatório La Salle Trabalho, Gestão e Políticas Públicas para sediar o Memorial; - Investimento monetário não elevado, o próprio autor custeará recursos para a pesquisa; - Contar com apoio de alunos e estagiários de graduação da Unilasalle para compilação de 	<p>Fraquezas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não conseguir compilar dados suficientes no prazo determinado para lançamento do Memorial; - Se faz necessária a contratação de mão de obra externa para criação de design da identidade visual do produto e posterior divulgação nas em Entidades de classe, órgãos públicos e redes sociais; - Dificuldade de apoio de alunos de

dados, digitalizações, transcrições, etc.	graduação devido à demora para a regularização das aulas presenciais em virtude da pandemia.
---	--

Fonte: Produzido pelo autor.

6.4 Pesquisa e curadoria³⁵

Trata-se aqui de adentrar a um novo campo chamado de Curadoria Digital, voltado tanto para a preservação de dados digitais e sua preservação, como para a adaptação da preservação de patrimônio cultural em espaços virtuais arquivísticos e museológicos a partir de práticas informacionais com novos paradigmas das interações em redes, digitalização, virtualidade, hiperconectividade³⁶, novos públicos etc.

6.5 Manual da Marca

Ciente da necessidade e importância de ter uma boa identidade visual para o meu produto: o Memorial Virtual do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas, fui em busca de ajuda especializada, que encontrei na empresa Atemporal Assessoria Inovativa, que é dirigida pelo ex-colega da UNILASALLE Ariel Vargas Alfonso. Procurando aliar as temáticas do trabalho e dos trabalhadores, chegou-se a este resultado pleno de satisfação, que já estou usando como identidade visual na divulgação do Memorial no Facebook. O estudo ainda sugere outras aplicações, como identidade para um possível Blog e matérias de divulgação como canecas e camisetas. O Manual completo encontra-se no Apêndice A.

³⁵ Para saber mais ver: NUNES, M. F.; SILVA, A. C. P.; COSTA, L. F. Memória e curadoria digital de museu e patrimônio: avaliação de usabilidade 360°. **Prisma.com (Portugal)**, n. 41, p. 191-215, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/160128>. Acesso em: 30 ago. 2022. Freire, K. M. W., Sales, L. F., & Sayão, L. F. Curadoria digital no contexto artístico e cultural: possibilidades de reuso de dados de arte. *Encontros Bibli: Revista eletrônica De Biblioteconomia E Ciência Da informação*, 25, 01-21, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e74280>

³⁶ O tema da celebração do Dia Internacional dos Museus em 18/05/2018, escolhido pelo Instituto Brasileiro de Museus-IBRAM, foi "Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos".

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo surgiu de um interesse pessoal, aliado a uma grande identificação minha às temáticas relacionadas ao trabalho e aos trabalhadores, pois acredito que as histórias de vida se fundem com as histórias de trabalho, visto que as pessoas passam grande parte de suas vidas, na fase adulta, vinculadas a atividades laborais para o seu sustento e o de suas famílias.

Desta forma, com as pesquisas documentais sobre o período de crescimento e industrialização de Canoas e as narrativas a partir das entrevistas realizadas, procurei demonstrar como trabalhadores, que migraram de diferentes lugares à procura de melhores condições, se instalaram em Canoas, participando da vida social e transformação da cidade em um município industrializado, referência no Estado como município com o terceiro maior PIB do Estado do Rio Grande do Sul.

A valorização da memória, por meio dos relatos de trabalhadores é fundamental, pois os colocam como sujeitos históricos em processo que, por vezes, é atribuído aos empresários e ao poder público. Evidenciei que a maioria dos trabalhadores eram oriundos de diferentes municípios do Rio Grande do Sul, alguns de áreas rurais que, na época, passavam por dificuldades econômicas. Seus espaços de origem não apresentavam boas oportunidades e assim, tiveram de sair em busca de oportunidades de emprego. O município de Canoas apresentava-se como opção para os migrantes, uma vez que, aproveitando as diretrizes das políticas governamentais de então, instalava novas indústrias as quais careciam de força de trabalho.

A partir das memórias dos trabalhadores e documentos, aqueles que vieram habitar as áreas disponíveis para moradia em Canoas, tiveram que enfrentar muitas dificuldades, pois aquelas se constituíam em locais sem infraestrutura adequada, transporte público deficiente, enfim, problemas típicos de uma urbanização sem planejamento e recursos adequados. Além disso, aqueles que vinham da área rural, tinham que se adaptar a uma realidade bem distinta que era a da vida urbana. Mesmo assim, seja a partir de suas próprias forças e/ou por pertencerem a uma comunidade de trabalho, caso do Frigosul e Vifosa, conseguiram enfrentar dificuldades, organizar associações, participar dos movimentos sociais e foram aos poucos melhorando as condições de vida e hoje, conforme as entrevistas, sentem-se, na sua maioria com dever cumprido com os seus filhos e netos que cresceram junto com a cidade de

Canoas, que se consolidou como município em terceiro lugar no estado do Rio Grande do Sul, tanto em população como em economia.

Outra questão que verifiquei, a partir da pesquisa é a da participação de trabalhadores das indústrias, na vida social da cidade, seja através de associações de moradores, clubes recreativos, sindicatos, como o dos metalúrgicos, que é uma referência de organização e luta dos trabalhadores no Estado, ou ainda nos momentos de lazer nas festas comunitárias. A participação em clubes de futebol amador, que eram incentivados por parte das indústrias, foi uma característica desses tempos, tendo como exemplo, o time de futebol do Frigosul, que mesmo depois de o frigorífico ser fechado, continuou atuando no Bairro Rio Branco.

A partir das pesquisas feitas e leituras realizadas sobre a História dos Prefeitos de Canoas, bem como de minha trajetória como trabalhador de Canoas, ficou evidente que outro time famoso foi o da Vifosa, da Vila Harmonia, assim como de outras várias metalúrgicas, como Massey Ferguson, Liess e outras. Os campeonatos organizados pelo SESI (Serviço Social da Indústria) eram muito concorridos, uma vez que a cidade não apresentava muitas opções de lazer aos seus moradores.

As narrativas sobre o loteamento Jardim Igara, traz-me lembranças muito fortes da minha infância, pois o meu pai e o seu irmão mais velho trabalharam na construção dessas casas e, por ocasião de uma das enchentes que afligiram os moradores do Bairro Mathias Velho em 1967, suas famílias foram abrigadas nestas casas que estavam quase prontas. Eu sou fruto desses que migrou da área rural do município de Camaquã, chegando em Canoas no ano de 1964, onde já residiam outros parentes. Assim, tenho visto esta cidade se desenvolver, modernizar-se e oferecer aos seus moradores, hoje, uma melhor qualidade de vida.

Quanto ao período da pandemia de Covid-19 que atravessamos durante a realização desta pesquisa, tenho que relatar que foi muito impactante, visto tive todo o ciclo de aulas do Mestrado à distância (EAD), o que foi para mim, bastante complicado pois fiquei privado da convivência com os professores e colegas, tendo que me adequar ao ambiente virtual. Tenho que ressaltar o enorme empenho dos professores em se adaptar à nova realidade e vencer obstáculos. Ainda em função da pandemia, o meu cronograma de entrevistas foi afetado, o que me levou a buscar outras alternativas, como o acervo do MAHLS.

Por fim, este trabalho de pesquisa não pretende ser conclusivo nem se encerrar em si mesmo, mas sim contribuir para novas pesquisas e relatos sobre as questões

relacionadas ao trabalho e aos trabalhadores, que merecem aprofundamento e novos olhares, visto que o município de Canoas, desde a sua fundação, buscou protagonismo no setor industrial o que o levou a se fortalecer como importante polo econômico no Estado, atraindo migrantes de várias partes do Rio Grande do Sul e até de outros estados.

Ainda, ao apresentar uma proposta de Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas, repositório digital contendo dados sobre a industrialização de Canoas e os relatos das pessoas que participaram deste processo, espero estar contribuindo para o estudo e compreensão deste período do nosso município.

REFERÊNCIAS

ABET. **Dossiê: História Social do Trabalho** (Recurso eletrônico). Disponível em: <http://abet-trabalho.org.br/dossie-gt-15-historia-social-do-trabalho/>

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora. 3. ed. 2013.

ALBORNOS, Suzana. **O Que é Trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ARAÚJO, Julvelenn Almeida Bruno. **Memorial do tribunal Superior do Trabalho: análise do projeto de criação (2000-2011)**. 2016. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Museologia – Universidade de Brasília, 2016).

ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL. **Foto Inauguração da Refinaria Alberto Pasqualini (1968)**. Disponível em https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/Pesquisa_Livre_Painel_Resultado.asp?v_CodReferencia_id=1354587&v_abas=1. Acesso em: mai. 2022.

AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. **Métis: história e cultura**, v. 12, n. 24, p. 64-89, jul./dez. 2012.

BARCELLOS, Jorge. **O Memorial como instituição no sistema de Museus**. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: <https://memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Barcelos.pdf>. Acesso em: mai. 2022.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOSI, E.; BRUCK, M. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. (Entrevista). **VIRUS**, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus15/?sec=2&item=1&lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2022.

CASTRO, Hebe. História Social. In: **Domínios da História**. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO – CEPDOC, FGV Fundação Getúlio Vargas. **Foto Presidente Ernesto Geisel e outros - Inauguração da Casa de Força da REFAP, 1970**. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo-pessoal/eg/audiovisual/ernesto-geisel-e-outros-por-ocasio-da-inauguracao-do-epale-e-da-casa-de-forca-da-refinaria-alberto-pasqualini-refap>. Acesso em: nov. 2021.

CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. **Planejamento Estratégico: fundamentos e aplicações**. 1. ed. 13ª tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

DECCA, Maria Auxiliadora. **Cotidiano de trabalhadores na República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DODEBEI, Vera. Cultura Digital: novo sentido e significado de documento para a memória social? **Revista de Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, abr. 2011. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr11/Art_01.htm. Acesso em: nov. 2021.

DODEBEI, Vera. Ensaio Sobre Memória e Informação. **Revista Morpheus**; v. 9, nº. 15, 2016, p. 227- 244. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: nov. 2021.

FERREIRA, M. L. M. R. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. **Museologia e Patrimônio** – Vol. 2, n. 1 - jan/jun. de 2009, p. 22-35. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/43/23>. Acesso em: jun. 2021.

FERNANDES, Valnir Gomes. **Entrevista para o Projeto Canoas** – Para Lembrar Quem Somos, 1994.

FIGUEIREDO, Miriam Collares. **Da Memória dos Trabalhadores à Memória Petrobras**: a história de um projeto. Dissertação de Mestrado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Programa de Pós-graduação em Bens Culturais e Projetos Sociais, Rio de Janeiro, 2009.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**: A Classe Trabalhadora Porto Alegrensense e a Era Vargas. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

GAYESKI, Miguel. **Entrevista** realizada com Irmão Norberto Nesello em 07.07.1996 pelo Prof. Miguel Gayeski para o projeto, Canoas – para lembrar quem somos.

GONDAR, Jô. Quatro Posições Sobre Memória Social, In: **O Que é Memória Social?** GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes et al. **CICS Canoas**: História, ideais & Inovação. Canoas: Quatro Estações, 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Edições Vértice, 1990.

HISTÓRIA de Nossos Prefeitos – **Série Documento**, volumes: 1 ao 9, publicados pela Secretaria Municipal de Cultura de Canoas.

HISTÓRIA de nossos Prefeitos. **Cel. José João de Medeiros**. Série Documentos. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2005.

HISTÓRIA de nossos Prefeitos. Cel. José João de Medeiros. **Série Documentos**. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2006.

HISTÓRIA de nossos Prefeitos. O Timoneiro, 26/06/1997. **Série Documentos**. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2012.

HISTÓRIA de nossos Prefeitos. O Timoneiro, 19/11/1971 (contracapa). **Série Documentos**. Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2012.

HISTÓRIA DE NOSSOS PREFEITOS. O Timoneiro, 22/09/1972. **Série Documento**, volumes 9, publicados pela Secretaria Municipal de Cultura de Canoas.

IWANOSKI, Cazemiro. Acervo de Entrevistas do Projeto Memória, Identidade e Patrimônio Industrial: Memórias dos lugares de produção de Porto Alegre e Região Metropolitana. **Entrevista** em 12/09/2017, transcrição.

INSTITUTO BRASILEIRO de Geografia e Estatística – IBGE. **Brasil em Síntese**. 2022. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/trabalho/horas-trabalhadas.html>.

JORNAL CORREIO DO POVO. **A empresa Minuano S.A. inaugurou instalações na cidade e fez o lançamento do primeiro automóvel brasileiro: o DKW- VEMAG 1958.**, 27/04/1958.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Inauguração de sede do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários - IAPI**, 03/05/1960.

JORNAL CORREIO DO POVO. **Instalação de uma escola técnica no município de Canoas, SENAI para formar os técnicos em diferentes especialidades**, 10/01/1962.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 03/12/1952

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, 20/10/1961.

JRS.DIGITAL. Brasileiros passam em média mais de 25 anos trabalhando. 2022. Disponível em: <https://jrs.digital/brasileiros-passam-em-media-mais-de-25-anos-trabalhando/>

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e a sua preservação**. IPHAN. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrim_onio.pdf Acesso em 30 jun. 2021.

LANGUIRU. Agronegócios. **Revista Languiru**, outubro e novembro de 2020, n. 13, p. 18. Disponível em: <https://www.languiru.com.br/wp-content/uploads/2021/02/Revista-Languiru-Agronego%CC%81cios-OUT-NOV20.pdf>

MARTINS, Tereza Cristina Santos. **O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade**. Serviço Social e Sociedade. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282012000300004> Acesso em: 12 abr. 2022.

MAYER, Nestor. **Memória ambiental da cidade de Canoas: os impactos do processo de globalização a partir dos anos 60**. Canoas: Tecnicópias, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURÃO, Leila. **Memórias da Indústria Paraense**. Anais: XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, Niterói, 2017.

ORNELLAS, True Camargo Ferraz de, MONTEIRO, Maria Inês. **Aspectos Históricos, Culturais e Sociais do Trabalho**, Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 59, nº 4, p. 552-555, 2006.

O TIMONEIRO, **A História de Canoas, mês a mês**. Canoas, 10 a 16 de janeiro de 2014. Disponível em: https://issuu.com/otimoneiro/docs/edi_o_2582/10.

PASQUALINI, Alberto. **Verbete**. FGV-CEPDOC, documento eletrônico. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pasqualini-alberto> Acesso em: 12 jun. 2022.

PENNA, Rejane et al. **Rio Branco**. Canoas: Gráfica La Salle, 1994.

PENNA, Rejane Silva (coord.). **Canoas-Para Lembrar Quem Somos nº 7 São Luiz e São José – Identidades, Indústrias e Universidade**. Canoas: La Salle, 2001.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. CPDOC/FGV, vol. 2, n.3, p. 3-15, Rio de Janeiro, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 12 jun. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 31 jul. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. **Lei nº 739, de 3 de julho de 1962**. Disponível em: <http://leismunicipa.is/dbfmo>. Acesso em: 08 jun. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. Lei nº 1293, de 17 de julho de 1970. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rs/canoas>. Acesso em: 08 jul. 2022.

REIS, Jair Teixeira dos. História do Trabalho e seu Conceito. **Revista Eletrônica de Direito** do Centro Universitário Newton Paiva, Edição nº 6, 2004. Disponível em: <https://revistas.newtonpaiva.br/redcunp/wp-content/uploads/2020/05/PDF-D6-10.pdf> Acesso em: jun. 2022.

RÉVILLION, Anya Sartori Piatnicki. A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2003.

RIX, Michael. **Industrial Archaeology**. In: The Amateur Historian. Inglaterra, 1955.

SANTOS, Alex Santos Lopes. O ritual religioso de abate judaico e o mercado da carne kosher no Brasil. ASCOT CONSULTORIA. Disponível em: <https://www.scotconsultoria.com.br/noticias/artigos/33900/o-ritual-religioso-de-abate-judaico-e->. Acesso em: 03 set. 2022.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. **Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento**. Augusto Guzzo Revista Acadêmica, São Paulo, n. 6, p. 14-18, mai. 2003. Disponível em: http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/57. Acesso em: 10 jun. 2020.

SILVA, R. A. R. da; CORDEIRO, J. M. L. Reflexões acerca do conceito de Patrimônio Cultural sob a ótica do Patrimônio Industrial da Arqueologia Industrial. **Faces da História**, Assis-SP, v. 4, n. 1, p. 7-29, jan.-jun., 2017.

SILVA, João Palma da. **Pequena História de Canoas**, Canoas Editora La Salle, Canoas, 1980.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**, São Paulo, Contexto, 2009.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. Do rural ao urbano: demografia, migrações e urbanização (1930-85). In: BOEIRA, Nelson e GOLIN, Tau (Orgs.). **História Geral do Rio Grande do Sul** – República da revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985). Passo Fundo: Meritas, 2007.

SOSA GONZÁLEZ, Ana Maria; VIEGAS, Danielle Heberle. Mundos do trabalho e suas memórias: o patrimônio industrial como possibilidade de reelaboração da memória social da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Mouseion**, Canoas, n. 28, dez. 2017, p. 55-69. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/4094>. Acesso em: jun. 2021.

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

SUZIGAN, Wilson. Industrialização Brasileira em Perspectiva Histórica. In: **História Econômica e História de Empresas**, p. 7-25, vol. 3, nº. 2, 2000.

TICCIH BRASIL. **Cartas Patrimoniais**: Carta de Nizhny Tagil. 2003. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: jun. 2022.

TICCIH BRASIL. **Cartas Patrimoniais**. Os Princípios de Dublin (2011). 2011. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=686. Acesso em: jun. 2022.

THOMPSON, Edward P. **A Voz do Passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

UNICAL o Calcário da Nossa Lavoura. **Sobre**. Disponível em:

<https://unical.com.br/sobre/>. Acesso em: jun. 2021

VIEGAS, Danielle Heberle. **Entre o(s) passado(s) e o(s) futuro(s) da cidade:** um estudo sobre a urbanização de Canoas/RS (1929-1959). Dissertação de Mestrado em História. – Fac. de História, PUCRS. Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2376?mode=full>. Acesso em: mai. 2020.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Apresentação por Ecléa Bosi. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

APÊNDICE A – Manual da Aplicação da Marca

Manual de Aplicação da Marca



Neste manual abordamos os **aspectos técnicos** do logotipo. Seguir com atenção estas diretrizes é importante para que o logotipo seja **utilizado de maneira correta** em todas as suas expressões.

SUMÁRIO

04	Sobre
05	Conceito
06	Palavras-chave
07	Logotipo
14	Símbolo
18	Cores
19	Tipografia
20	Aplicações

SOBRE

O **Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas** tem como objetivo documentar o processo de crescimento e industrialização do município de Canoas entre as décadas de 1940 e 1970, trazendo relatos das empresas e trabalhadores.

CONCEITO

O projeto foi desenvolvido com o objetivo de expressar a **história** e a **evolução** de **empresas** e **trabalhadores** no mercado.

05

PALAVRAS-CHAVE

Como palavras-chave para o projeto de identidade visual da marca temos **união**, **trabalho** e **evolução**.

06

LOGOTIPO

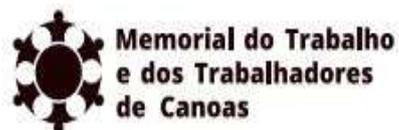
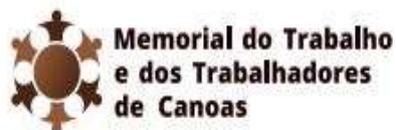
O logotipo é um dos componentes mais valiosos da linguagem da marca, e deve ser utilizado obedecendo às regras deste manual.



07

VERSÕES PREFERENCIAIS (Positivas em cores)

Estas são as versões preferenciais (positivas em cores) do logotipo, não é possível utilizar outras cores que não estejam estabelecidas neste manual.



08

VERSÕES PREFERENCIAIS (Negativas em cores)

As **versões preferenciais** (negativas em cores) do logotipo sobre fundos coloridos devem ser utilizadas somente quando não for possível sua aplicação nas versões preferenciais.

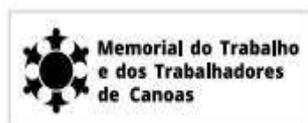


09

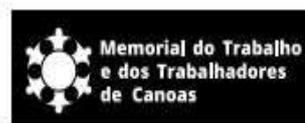
VERSÕES PREFERENCIAIS (preto e branco)

Estas versões têm seu **uso restrito**. Só será permitida a aplicação em peças onde não for possível a utilização do logotipo na versão principal.

Versão Positiva P&B



Versão Negativa P&B



10

ÁREA DE NÃO-INTERFERÊNCIA

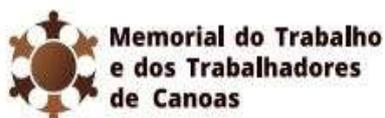
Para preservar a integridade do logotipo, não interfira na área delimitada com qualquer grafismo, foto ou texto. *Proporcionalmente, a medida do X equivale a medida da letra "M" do logotipo.*



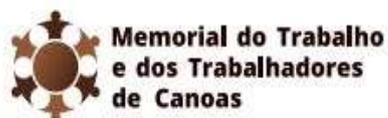
11

REDUÇÃO MÁXIMA

Pensando na melhor resolução possível da marca existem tamanhos mínimos de aplicações permitidos. Em materiais impressos, a redução máxima permitida é de 5 centímetros ou 200 pixels. Em ambos materiais, as medidas são relacionadas à largura.



2,5 CM



68 PX

12

USOS INCORRETOS

Alguns exemplos ilustrando o que não deve ser feito com o logotipo.

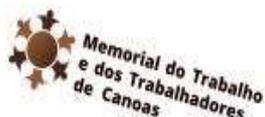
Não alterar as cores



Não aplicar em fundos com pouco contraste



Não colocar o logotipo na diagonal



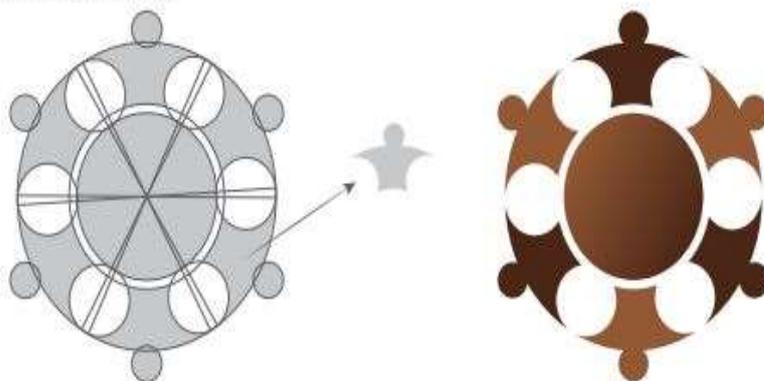
Não alterar a proporção



13

SÍMBOLO

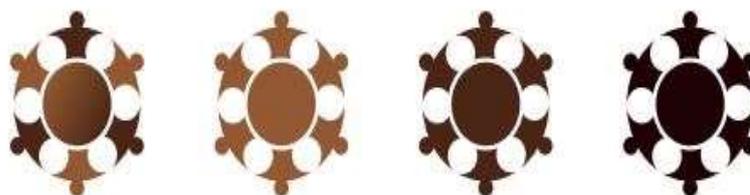
O símbolo é um elemento de reconhecimento importante que **pode ser aplicado nos mais diferentes suportes**. Pode ser utilizado em qualquer uma das cores da marca.



14

VERSÕES POSITIVAS

Estas são as **versões positivas** do símbolo, não é possível utilizar outras cores que não estejam estabelecidas neste manual.



15

VERSÕES NEGATIVAS

As **versões negativas** do símbolo sobre **fundos coloridos** devem ser utilizadas somente quando não for possível sua aplicação nas versões preferenciais.

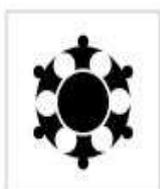


16

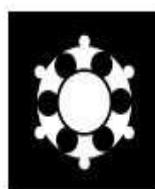
VERSÕES P&B

Estas versões têm seu **uso restrito**. Só será permitida a aplicação em peças onde não for possível a utilização do símbolo na versão principal.

Versão Positiva



Versão Negativa



17

CORES

As cores que representam a marca são tons de **marrom** (tons terrosos). Esta cor representa **conforto, segurança e simplicidade**.

C 29	R 155
M 64	G 89
Y 84	B 46
K 25	#9b5a2f

C 42	R 83
M 74	G 44
Y 82	B 25
K 65	#532c19

C 58	R 46
M 86	G 7
Y 72	B 0
K 84	#2a0f0c



18

TIPOGRAFIA

A parte tipográfica principal da marca foi desenhada com base em uma fonte pré-existente. E para a fonte secundária, indica-se uma família tipográfica com boa legibilidade e diversas variações de espessura. Ambas as fontes são free.

Base tipografia principal

Open Sans Extrabold

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

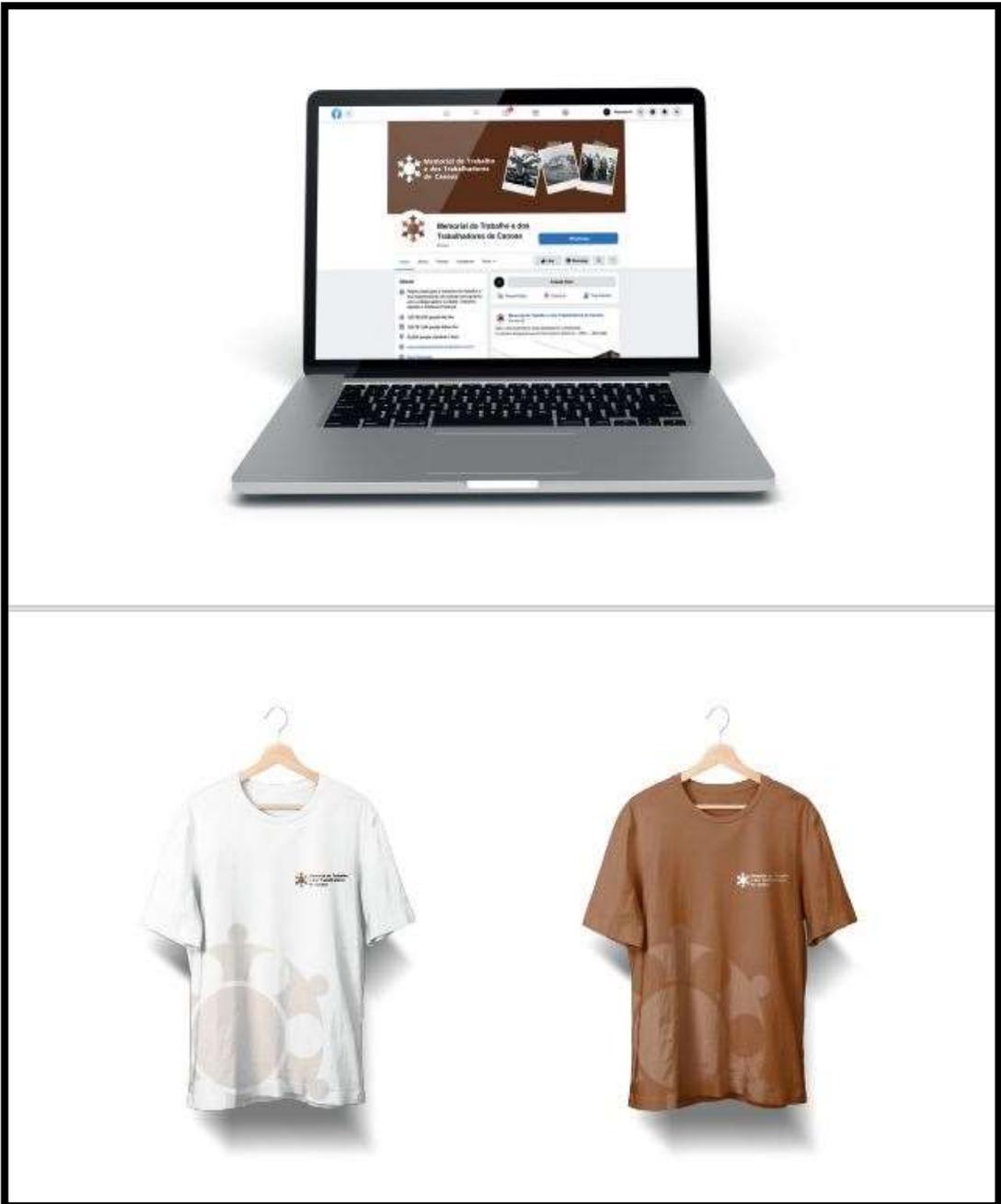
19

APLICAÇÕES

A seguir, algumas das possíveis aplicações da marca.

20





ANEXO A – Itens do Acervo de Imagens Sobre Industrialização de Canoas

Fazenda da Brigadeira, Canoas, RS, 16/12/1961



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle

Bianchini S.A.



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Loteamento – Distrito Industrial, Bairro Niterói (década de 1990)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Forjasul (década de 1990)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

Moinhos Primo Fabris (década de 1990)



Fonte: Acervo do Arquivo Histórico Municipal Dr. Sezefredo Azambuja Vieira.

ANEXO B – Exemplos de recortes de jornais com matérias sobre a industrialização de Canoas

Itens sobre a REFAP



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle.

Itens sobre o Distrito Industrial de Canoas



Fonte: Jornal Fato Ilustrado (Década de 1960)



Fonte: Jornal Fato Ilustrado (Década de 1960)

DISTRITO INDUSTRIAL:

Solução poderá sair nos próximos 60 dias



Abordando o problema da implementação do Distrito Industrial para Canoas, o prefeito Geraldo Ludwig disse que existe a probabilidade de uma solução para os próximos 60 dias tendo em vista a decisão da Secretaria de Coordenação e Planejamento em apresentar a necessária documentação inerente ao projeto que definirá a área industrial que definirá o Município. A proposta informou o prefeito que o Governador Getúlio Vargas tem se empenhado em favor de Canoas, pois o mesmo não ignorará a potência do Parque Industrial local e das suas necessidades do momento. Ao falar da proximidade de se chegar a solução deste assunto, Ludwig asseverou que a futura área industrial deverá ser fixada nas adjacências da Refinaria nas adjacências da Refinaria Alberto Pasqualini (PETROBRAS) até a Fazenda Guajuviras à leste da BR-116 com limites na vinda para Auto-estrada que ligará Porto Alegre à Novo Hamburgo. Acredita que o local é estratégico para o desenvolvimento fabril, pois trata-se de área territorial próxima a fontes fornecedoras da matéria prima com acesso às principais rodovias.

O Chefe do Executivo de Canoas demonstra preocupações sobre a avulsão de novas indústrias do seu Município e co-

mentou o caso recente na IPE SCL, que por motivos alheios a disposição do seu governo optou expandir sua empresa na cidade de São Leopoldo. A firma o prefeito que o surgimento do Distrito Industrial receberá parte da solução e que por isso já está elaborando planos que irão dar condições à instalação de novas indústrias no 2.º Distrito de Canoas. As providências do momento, diz Ludwig, deverão ter sido realizadas pelos governos anteriores ao seu. Disse que não deixa de reconhecer os bons serviços deixados no Município pelos antigos administradores canoenses, mas fez este aspecto dos territórios próprios à novas empresas.

Encarecendo o desenvolvimento urbano da cidade o prefeito Geraldo Ludwig declarou-se mais preocupado ainda, dizendo que o crescimento populacional local vem surpreendendo e por isso o município está empenhado nas construções de passarelas, elevadas e um sistema moderno de sinalização nas principais artérias de Canoas e junto à BR-116. Complementando suas palavras Ludwig disse que está integrando sua administração à firme orientação do Governo central: "Criar, Conservar

sem humanização, estando todos os setores de atividades que impulsionam o progresso da sociedade.

Assinalando seu pensamento o Chefe do Executivo canoense fez notar que seu Município jamais poderá deixar de se expandir nas áreas econômicas, sociais e culturais, e que graças ao esforço de todos, Canoas já é uma metrópole com recursos gerais idênticos aos da capital do Estado.

DATILÓGRAFO

Necessitamos de estímulos datilográficos completos e maiores de 18 anos. Preço: Cr\$ 850,00. Os pedidos para a rua 15 de Janeiro, 329 — CANOAS

RFS - DISTRIBUIDORA DE EQUIPAMENTOS DE ES

Revendedor autorizado das Linhas de máquinas móveis. OLIVETTI — FACIT — GIROELI

COMPLETA ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Matriz: Av. Presidente Roosevelt, 100 — PORTO ALEGRE — Fone: 22.11.11

Filial: Rua Muck, 190 — Canoas

INSCREVA-SE VOCE TAMBÉM NO

Fonte: Jornal Fato Ilustrado (Década de 1960)

ANEXO C – Prints do Facebook do Memorial do Trabalho e dos Trabalhadores de Canoas

